

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA

CADERNO DE RESUMOS



XIV Encontro dos Alunos de Pós-Graduação em Linguística da USP

**“Visão normativa e visão científica:
é possível levar a linguística para além dos muros da academia?”**

São Paulo

2011



XIV Encontro dos Alunos de Pós-Graduação em Linguística da USP

– EDIÇÃO 2011 –

“Visão normativa e visão científica: é possível levar a linguística para além dos muros da academia?”

Comissão Organizadora

Ana Seelaender
Fernanda Rosa
Michel Navarro
Renata Moreira
Renata Rêde
Renato Lacerda
Thais Bolgueroni

Agradecimentos especiais

Ao chefe do Departamento de Linguística

Prof. Dr. Ronald Beline Mendes (DL-FFLCH-USP)

Ao Coordenador do Programa de Pós-graduação em Linguística

Prof. Dr. Waldir Beividas (DL-FFLCH-USP)

Aos professores participantes das mesas-redondas

Prof. Dr. Carlos Alberto Faraco (UFPR)
Profa. Dra. Cristina Altman (DL-FFLCH-USP)
Prof. Dr. Émerson di Pietri (FE-USP)
Profa. Dra. Esmeralda Vailati Negrão (DL-FFLCH-USP)
Prof. Dr. Jairo Nunes (DL-FFLCH-USP)
Prof. Dr. José Luiz Fiorin (DL-FFLCH-USP)
Profa. Dra. Norma Discini (DL-FFLCH-USP)
Prof. Dr. Sírio Possenti (UNICAMP)

Aos Funcionários do Departamento de Linguística

Érica de Lima
Robson D. Viera

Aos Funcionários do LAPEL

Aos Zeladores da Casa de Cultura Japonesa

Aos Nossos Patrocinadores



A Renato Razzino Ernica pelo design do logo

À Mariane Mattoso pela apresentação artística.



Mariane Mattoso
"Sinestesia"

RESUMOS

A Dimensão Sapiriana da chamada ‘Hipótese Sapir-Whorf

Adan Phelipe Cunha

Orientadora: Profa. Dra. Cristina Altman

Nesta comunicação, pretendemos debater alguns pontos controversos na discussão sobre a atual concepção do que vem a ser o “relativismo linguístico” na Linguística contemporânea, através da divulgação dos resultados parciais do projeto “A Emergência da Hipótese do Relativismo Linguístico em Edward Sapir (1884-1939)”, cujo objetivo central é reconstruir o processo de emergência de uma possível hipótese sobre as relações entre “língua, pensamento e cultura”, denominadas pelas gerações posteriores a Sapir por “hipótese do Relativismo Linguístico” ou “hipótese Sapir-Whorf”, a partir de uma seleção de textos deste autor. Por emergência, entendemos a maneira como tais ideias surgem em sua produção intelectual, e são posteriormente agrupadas sob um mesmo título.

Deste modo, apesar de seus nomes – Sapir e Whorf – estarem presentes no rótulo da suposta hipótese, a despeito do que boa parte dos linguistas parece acreditar, ao discorrerem sobre uma “hipótese Sapir-Whorf”, não há nenhum trabalho em colaboração entre os autores em questão que verse sobre este tema. Como relembram Hill & Mannheim (1992), o emprego deste termo é, portanto, de certa forma enganoso. Parte da discussão, ao longo do século XX, centrou-se apenas no texto de Whorf “Relation of thought and behavior to language”, escrito em 1939. Nesta publicação, na qual Whorf discute aquilo a que alguns chamam de versão “determinista” da hipótese, é utilizada na epígrafe um trecho extraído do texto de Sapir “The status of Linguistics as a science”, de 1929. Este excerto é comumente citado quando se questiona a hipótese, sempre dissociado de seu contexto de inserção, levando o leitor a crer que o foco do estudo tenha sido dissertar sobre a incomensurabilidade da(s) realidade(s) construída(s) pelos sistemas linguísticos, tornando, por exemplo, o exercício da tradução impossível. Já que não sabemos se Sapir e Whorf compartilhavam os mesmos pontos de vista sobre o relativismo linguístico, acreditamos ser necessária, portanto, a diferenciação de suas ideias.

Outra polêmica relevante tem sido o tratamento dicotômico da discussão “universalismo vs. relativismo”, que até certo ponto revive o embate entre “racionalismo vs. empirismo”, paradigmas abordados nas ciências humanas como irreconciliáveis, por serem ponderados antagonicamente.

Uma vez retomado o fato da geração de autores na qual Sapir se insere haver tido por intento o tratamento igualitário entre as diferentes línguas e povos, e também o desenvolvimento de um método de documentação para as línguas ágrafas, operando com o conceito de linguagem inserido na cultura, por ser imprescindível para o entendimento pleno da visão de mundo – esta simbólica, não literal – de um povo, defendemos que a “hipótese do relativismo linguístico”, como a entendemos hoje, surge em conjuntura semelhante às ideias agrupadas sob o termo “relativismo cultural”.

Nossa discussão encerra-se indagando se o relativismo linguístico é inerente à tarefa do linguista – entender e explicar cientificamente o que é a linguagem, sem “se contaminar” por suas próprias categorias linguísticas – ou à linguagem humana e às diversas estruturas gramaticais presentes nas mais distintas línguas naturais, pela releitura do texto “The grammarian and his language” (Sapir, 1924).

Assimilação e exclusão em foco: discursos sobre a imigração no Brasil pós-guerra

Alexandre Marcelo Bueno

Orientadora: Profa. Dra. Diana Luz Pessoa de Barros

Dentre os debates a respeito da melhor forma de se conduzir o processo migratório no Brasil pós-guerra, pode-se observar uma relação polêmica baseada, obviamente, na figura do imigrante. Assim, há discursos favoráveis à imigração irrestrita, à imigração controlada e à proibição da imigração. O discurso mais freqüente é o da imigração controlada, cuja característica geral é a de ser um discurso voltado para propostas de seleção daquele que é considerado o melhor imigrante para o país. No estabelecimento desses critérios de seleção, operado basicamente pela triagem, toda uma outra leva de possíveis imigrantes são deixados de lado, por meio de escolhas baseadas em traços culturais, biológicos, econômicos ou sociais. A seleção visa, basicamente, à preservação de uma suposta homogeneidade nacional. Contudo, em se tratando de imigração, a definição dos critérios de seleção não é suficiente para se ter a completa certeza de que essa homogeneidade nacional será mantida. É preciso ainda discutir as formas de integração do imigrante ao “corpo social nacional”. Como duas faces da mesma moeda, a seleção e a assimilação de imigrantes caminham, freqüentemente, juntas nos discursos que tratam da imigração nesse período, ainda como reflexo das condições de produção discursiva anteriores ao final da Segunda Guerra Mundial. O objetivo deste trabalho é o de destacar essas propostas de seleção e de integração, postulando a existência de diferentes graus de exclusão (associados à seleção) e de assimilação (ligados à integração). Partindo das propostas da sociossemiótica desenvolvida por Eric Landowski para esses

dois conceitos (assimilação e exclusão), utilizaremos também a semiótica tensiva para estabelecer os graus de assimilação e exclusão no texto de Geraldo de Menezes Côrtes, publicado na Revista de Imigração e Colonização em 1947 (cujo título é, simplesmente, “A Imigração”). Veremos, assim, como o operador triagem opera, de um lado, a exclusão de grupos imigratórios distintos (europeus vs. asiáticos), assim como a exclusão de possíveis imigrantes considerados inadequados para o bom desenvolvimento econômico, cultural e social do país (dentro do grupo de possíveis imigrantes europeus). Por outro lado, o operador mistura é responsável por diferentes formas de assimilação: parcial para os grupos imigrantes que entram no país e necessariamente completa para os descendentes dos imigrantes.

Os contornos entonacionais de quatro emoções

Aline Mara de Oliveira Vassoler

Orientador: Prof. Dr. Antonio Vicente S. Pietroforte

As dificuldades encontradas na definição acerca das emoções impulsionaram diversas pesquisas sobre o tema. A teoria de Scherer (1984) comprova que as emoções são acompanhadas por variações vocais, que provocam modificações fisiológicas no aparelho fonador, como mudanças no padrão respiratório, na fonação e na articulação do indivíduo, induzindo alterações na produção vocal. Dessa maneira, as emoções podem ser estudadas por meio de parâmetros acústicos (tais como a frequência fundamental, a intensidade, a duração, entre outros) e por meio da prosódia (como as curvas entonacionais) das sentenças. O objetivo desse trabalho foi verificar a interferência de quatro emoções nos contornos entonacionais de sentenças declarativas do português brasileiro (PB). Para isso, três atrizes brasileiras, com experiência de aproximadamente 20 anos de profissão, gravaram suas vozes no laboratório Estúdio Multimeios do Centro de Computação Eletrônica da Universidade de São Paulo (CCE-USP) por meio do programa Sound Forge 9. Inicialmente, as atrizes leram um texto com a fala neutra, repetindo-o cinco vezes. Em seguida, cada atriz leu o texto novamente, interpretando cada emoção (alegria, raiva, medo e tristeza). A fim de facilitar as análises das curvas entonacionais, foram realizadas segmentações do texto para unidades linguísticas menores (sentenças). Essa segmentação foi embasada na teoria proposta por Nespor e Vogel (1986), denominada Fonologia Prosódica. As curvas entonacionais da fala neutra, nesta pesquisa, foram utilizadas como padrão de comparação para cada emoção de cada atriz. Assim como descrito na literatura, nesta pesquisa, as curvas entonacionais de todas as sentenças da fala neutra também foram descendentes. Na alegria, verificou-se que duas atrizes produziram as sentenças com características ascendentes, ao passo que na tristeza todas as sentenças foram

descendentes, tal como na fala neutra. Já na raiva, duas atrizes interpretaram as sentenças com curvas descendentes. No entanto, ao contrário da raiva e da tristeza, que mantiveram o padrão entonacional do PB, as curvas da alegria e do medo comportaram-se de maneira inversa. Todas as curvas da 3ª sentença do medo apresentaram curvas ascendentes, já na alegria, duas atrizes realizaram curvas ascendentes. Observou-se que houve interferência das emoções nos aspectos prosódicos das sentenças declarativas na alegria e no medo, já que, nesses casos, as tendências entonacionais das sentenças mantiveram-se opostas àquelas esperadas no PB.

Usos da voz nas encenações de Medéia

Alpha Condeixa Simonetti

Orientador: Prof. Dr. Luiz Tatit

O objetivo de nossa apreciação versa sobre os modos de emissão vocal, nos seus usos atinentes ao contexto das práticas teatrais. Para tanto, descrevemos os procedimentos estabelecidos em relação aos parâmetros musicais (duração, intensidade, altura), junto à conformação do discurso da personagem. O corpus estudado é constituído de dois trabalhos encenados sobre a mesma obra dramática, visando cotejar os papéis desempenhados pela voz nos processos de significação. Dessa forma, diante das possibilidades de construção de eixos semânticos diversos, contemplamos o quadro teórico da semiótica tensiva de Claude Zilberberg e seu desdobramento na vertente do cancionista, elaborada por Luiz Tatit.

Em relação ao material analisado, convém apontar algumas de suas especificidades. O encenador paulista, Antunes Filho realizou três tragédias gregas em quatro encenações: Fragmentos Troianos (1999), uma adaptação de As troianas de Eurípides, Medéia (2001), Medéia 2 (2003), também de Eurípides, e, por fim, Antígona de Sófocles (2005). Neste ciclo trágico, foi observado o desenvolvimento da técnica vocal do ator, que em seu limite torna-se um instrumento musical. Selecionamos as encenações de Medéia e, ao acessar as gravações em audiovisual dos espetáculos, tentamos nos ater a uma espécie de partitura subjacente. Tal inscrição nos significantes, trazendo as formas escolhidas ou inventadas, aproxima-se do que a teorização da linguagem teatral denominou escritura cênica.

Desejamos cotejar as possibilidades de expressão da cena, em Medéia, (2001) e (2003), ao passo que a tensividade e a semiótica da canção surgem como arcabouço para compreensão do discurso mobilizado pela voz do ator teatral. Assim, ao observarmos escolhas expressivas contrastantes na comparação entre as encenações, estabelecemos a interlocução entre as noções de

prosodização do conteúdo (conforme Zilberberg, em *Éléments de grammaire tensive*, p.100) e o questionamento sobre a linguagem musical, no tocante aos seus possíveis efeitos de sentido.

Aspectos da intersubjetividade em narrativas dançadas

Ana Luisa Seelaender

Orientadora: Profa. Dra. Evani Viotti

Este trabalho tem por objetivo analisar a gestualidade presente em narrativas dançadas para posterior estudo tipológico e análise do signo gestual, tomando como base a classificação proposta por McNeill (1992) para os gestos que acompanham a fala. A partir de duas produções do balé *Romeu e Julieta*, uma do The Royal Ballet e outra do Ballet de L'Opéra, baseadas na peça homônima de William Shakespeare, será feita a análise da gestualidade presente na cena da morte de Julieta e sua contribuição para o processo de construção de significação. Para fins de análise, gestos são considerados a expressão específica dos movimentos corporais que fogem dos padrões estabelecidos pela técnica clássica e entendidos aqui na acepção mais ampla proposta por Clark (1996), que inclui, entre eles, não apenas os gestos manuais, mas também aqueles produzidos com a face e o corpo. Os movimentos que, dentro dos padrões da dança clássica, são utilizados com fins significativos para além do domínio técnico, como, por exemplo, posições de braços, ou posições de corpo, também constituirão o corpus estudado. Nas línguas naturais, os gestos utilizados em concomitância com o enunciado indicam conteúdos semânticos não expressos através dos signos linguísticos. Na dança, os gestos ajudam a compor a significação, em conjunto com outros sistemas semióticos. A descrição desses indicadores gestuais visa a contribuir para a análise do gesto-que-acompanha-a-fala em discurso face-a-face, estabelecendo em que medida eles dão suporte à língua na construção da significação. A transcrição dos dados e descrição dos gestos está sendo feita por meio do software ELAN (versão 3.9.0), em trilhas que distinguem os movimentos das mãos, a expressão facial, a postura corporal, de modo a possibilitar a observação de vários aspectos da gestualidade, além de permitir a eventual visualização simultânea das duas versões.

Problemas de esfera no gênero digital microblog nas eleições 2010

Artur Daniel Ramos Modolo

Orientadora: Profa. Dra. Sheila Vieira de Camargo Grillo

O objetivo desta pesquisa é analisar a inter-relação entre as esferas política e do cotidiano no gênero digital microblog dos candidatos à presidência do Brasil nas eleições de 2010. Como corpus da pesquisa foi arquivado todo o material postado no Twitter pelos três principais candidatos à presidência da república – Dilma Rousseff, José Serra e Marina Silva – durante o período oficial de campanha (06 de julho de 2010 / 31 de outubro de 2010). Empregaremos como base teórico-metodológica as contribuições do Círculo de Bakhtin, mais especificamente sobre os temas: gêneros discursivos, esfera e dialogismo. Em um primeiro nível de análise, iremos verificar o contexto social mais amplo que envolve as eleições de 2010. Para analisar o horizonte social que constitui o período em questão, a pesquisa também pretende analisar algumas características da evolução tecnológica que possibilitaram que este tipo de ferramenta tenha sido adotado pelos políticos, assessores de candidatos e jornalistas de uma forma geral. Trabalhos de pesquisadores consagrados como Levy, auxiliarão a iluminar nossa abordagem. A partir destas reflexões, constataremos as diversas dimensões de relações dialógicas presentes nos enunciados do corpus. Os resultados esperados por esta pesquisa é de que haja alternância entre mensagens com tom informal que visam aproximar o candidato de seus eleitores, próprio da conversação do cotidiano e dos gêneros primários (simples) e de mensagens densas que aprofundam o debate com teor sócio-político, isto é, os gêneros secundários (complexos) que estão vinculados a temas desenvolvidos por uma cultura como a nossa: religião, ciência e política. A heterogeneidade do gênero microblog é realçada pelos recursos hipertextuais que criam um conteúdo multimodal: verbal (mensagens de apoio, descrição de comícios ou passeatas), visual (fotos, vídeos, gráficos) e sonoros (jingles, músicas). Avaliaremos, em conjunção com a hipertextualidade, as relações dialógicas presentes no corpus: a variação entre concordância, discurso citado, polêmica, objeções, etc.

A Escala e a Medida: a Criação de Ponto de Vista em Dois Poemas de Prosas

Seguidas de Odes Mínimas de José Paulo Paes

Carolina Lindenberg Lemos

Orientador: Prof. Dr. Luiz Tatit

Ao percorrer os poemas da primeira parte de Prosas seguidas de Odes Mínimas, de José Paulo Paes, somos apresentados a uma série de começos, fins, passagens, mudanças. Já o primeiro texto nos introduz uma perspectiva de fim desde o título: “Escolha de Túmulo”, mas, ao mesmo tempo, revela uma abertura para um início numa fiada de figuras. As tensões entre elementos incoativos e terminativos nos remete à noção linguística de aspecto. Segundo o primeiro tomo do Dicionário de Semiótica de Greimas e Courtés (1979: 21-22), a

aspectualidade está ligada a uma sobredeterminação do tempo, ou seja, ao instaurar pontualidades, duratividades, começos, meios e fins, o enunciador recorta a matéria narrada transformando-a em processos.

Para os autores, o processo de aspectualização é “la mise en place, lors de la discoursivisation, d'un dispositif de catégories aspectuelles par lesquelles se relève la présence implicite d'un actant observateur” (Greimas e Courtés, 1979: 21). Ora, a definição de Greimas e Courtés vai além do recorte dos processos e põe em jogo a figura de um observador. Colocada dessa forma, a aspectualidade aparece fortemente associada à questão do ponto de vista nos textos. No segundo tomo do Dicionário de Semiótica, que surge com a proposta de expandir as noções mais sedimentadas do primeiro, Françoise Bastide (1986: 19-20) propõe entender esse observador, pressuposto necessário à noção de aspecto, como gerador de uma escala, uma medida antropomorfa. A suposição de que há um observador que organiza os fluxos do texto estabelece parâmetros para enxergar os elementos descritos nos poemas.

Dessa forma, a noção de aspecto pode nos ajudar a investigar, por meio da análise de dois poemas da primeira parte de *Prosas seguidas de Odes Mínimas*, de que forma está recortado o fluxo temporal e suas relações com o estabelecimento de um ponto de vista. Buscaremos, assim, nas noções de aspecto, observador, escala, uma formulação possível para corroborar essa característica minimalista do poeta de que falam críticos, como na “concisão telegráfica” apontada por Bosi (2003: 162); na “dimensão infinitamente pequena” para Arrigucci Jr. (1999: 200); no interesse radical pela “brevidade poética” segundo Fortuna (1991: 84); e no “poeta do pouco” para Secchin (1996: 122). Para além da constatação de que os poemas são breves em sua forma de expressão, a investigação do ponto de vista e a incorporação de um valor escalar podem trazer às claras a aproximação do pequeno também no conteúdo.

Sujeito Nulo e obviação no subjuntivo

Carolina Petersen

Orientador: Prof. Dr. Jairo Nunes

Este trabalho analisa o contraste no licenciamento de controle obrigatório (CO) em complementos subjuntivos do PB, numa abordagem de controle em termos de movimento sintático (Hornstein 2001). Considerando as propriedades do T finito desta língua (Ferreira 2000, 2009, Rodrigues 2004 e Nunes 2008), este trabalho mostra que existem dois tipos diferentes de complementos subjuntivos: aqueles que se mostram independentes quanto à oração matriz (Subjuntivos-L(ivres)), comportando-se como indicativos nos aspectos relevantes. Eles permitem

sujeitos nulos de CO, mas não impõem obviação a um pronome aberto (cf.(1)); e aqueles que mostram dependência quanto à oração matriz, comportando-se como infinitivos (Subjuntivos-R(estritos)). Eles não permitem sujeito nulo e impõem obviação (cf.(2)).

Propriedades	Subjuntivo-L	Subjuntivo-R
Seleção Indicativo/Subjuntivo/Infinitivo	Subjuntivo/Infinitivo	
Controle obrigatório	+	-
Obviação	-	+
Transparência para itens de polaridade	-	+
Tempo semântico	Livre Futuro/irrealis	
Sequência de Tempo obrigatória	-	+
Leitura de duplo acesso	+	-
Eventividade	-/Aux:OK	+
Estrutura CP/TP	WollP/CP	

Considerando o subjuntivo como modo default (Schlenker 2005, Siegel 2009) numa perspectiva da Morfologia Distribuída (Halle&Marantz 1993), argumento que subjuntivos-R competem com complementos infinitivos, por compartilharem a mesma numeração. Esses complementos precisam concordar em Tempo com a matriz, o que explica seu comportamento temporal defectivo. A possibilidade de movimento do sujeito depende da numeração inicial de cada estrutura, que leva a diferentes resultados: o infinitivo, quando há movimento de sujeito e CO, ou subjuntivo, quando há mais de um DP para as posições de sujeito. Nessa abordagem, a obviação no Subjuntivo-R é uma consequência direta dessa competição. Adotando a reinterpretação dos princípios A e B em termos de competição e movimento (Hornstein 2001, 2007), a possibilidade de uma construção que utiliza apenas em movimento bloqueia, na mesma estrutura sintática, o uso de pronomes ligado.

- (1) João*i* lamenta [que eci/*j/elei/j tenha ganhado a corrida]
 (2) João*i* quer [que (*eci/j)/ele*i/j ganhe a corrida]

Gramática tensiva das HQs: por um estudo do fazer missivo

Carolina Tomasi

Orientador: Prof. Dr. Antonio Vicente Pietroforte

Com base em um estudo comparativo entre duas HQs de Território de bravos de Luiz Gê, artista plástico paulistano, nosso objetivo é verificar em que medida as HQs “Futboil” e “Entradas e

bandeiras” diferem estruturalmente. Os enquadramentos (aproximação e distanciamento) podem ser traduzidos em abertura e em fechamento, categorias semióticas, e não mera focalização de movimento de câmera do cinema, nem mera sequência de imagens de HQs. Para nós, abertura e fechamento traduzem-se no conteúdo em emissividade e remissividade, categorias que subentendem a presença tônica ou não de um antissujeito (GREIMAS; COURTÉS, 1986). Daí nosso estudo apoiar-se na fundamentação teórica do fazer missivo dos quadrinhos como estruturante do sentido das HQs (cf. ZILBERBERG, 2006b). “Futboil” é uma HQ que contém em sua maioria quadrinhos emissivos, o que traduz um bom exemplo do movimento contínuo. Das sete HQs de Território de bravos, ela é a que melhor reproduz o movimento cinematográfico. Esse efeito de cinema é resultado, portanto, do elevado número de difusões em meio a um número reduzido de quadrinhos remissivos (concentrados). Alguns resultados parciais desse estudo comparativo podem ser apontados, portanto, com base em uma contagem de quadrinhos que foram classificados em “emissivos” e “remissivos”. Dessa forma, os quadrinhos, em sua maioria remissivos, dão à “Entradas e bandeiras” o estatuto de arte, em que cada fechamento e cada concentração tem o intuito de conservar o objeto semiótico, fazendo durar o plano da expressão, como faz o classicismo por meio da desaceleração. Os enunciados de “Entradas e bandeiras”, de um lado, fazem o enunciatário parar, delongar os olhos na “escultura” de cada quadrinho. “Futboil”, por outro lado, com suas aberturas e emissividade, leva o enunciatário a correr os olhos sobre cada quadrinho, a cada virada de página, numa continuidade que só se esgota ao final da HQ, o que configura um efeito de sétima arte. Apresentamos algumas conclusões prévias deste estudo comparativo: (a) a emissividade está para difusão, que está para aceleração, que está para o cinema, que está para “Futboil”; (b) a remissividade está para concentração, que está para desaceleração, que está para a escultura clássica, que está para “Entradas e bandeiras”.

Uma leitura tensiva do conceito de pulsão

Cíntia Morais Marinho

Orientador: Prof. Dr. Waldir Bevidas

Pretende-se esboçar neste trabalho pontos de inflexão entre dois conceitos provenientes de duas áreas distintas, a saber, a pulsão nos textos psicanalíticos freudianos e a tensão nos recentes estudos semióticos franceses.

A Semiótica da Escola de Paris, em seus recentes desenvolvimentos, propõe que a afetividade seja considerada como elemento central na análise da produção de sentido de um texto. Reconhecendo a importância de aprofundar as investigações dessa hipótese epistemológica, a teoria

semiótica elaborou diferentes conceitos, entre eles o de “tensividade”, com o objetivo de contribuir para o avanço dos estudos acerca da dimensão sensível da significação. Para dar uma operacionalidade ao conceito, foram indicados seus possíveis componentes, a intensidade e a extensidade, bem como as correlações estabelecidas entre eles em cada momento textual. Permite-se, com isso, que os semioticistas direcionem seus estudos sobre o impacto da afetividade na progressão narrativa.

Por outro lado, encontramos no conceito de pulsão, um interessante campo de investigação para a Semiótica Tensiva, já que a subjetividade e a afetividade são, também, os centros motores dessa questão psicanalítica. O tratamento dado pelo sujeito aos estímulos pulsionais parece ter correlação direta com o elemento-motor do processo de significação, já que a subjetividade resultará da tensão entre a pulsão, elemento sensível, e a forma de contenção desta, processo ligado ao inteligível. Ao delimitar e explicitar os pontos divergentes e convergentes entre os dois conceitos mencionados, este projeto espera colaborar para o entendimento da noção de sujeito, visto como resultado de um processo discursivo, ao mesmo tempo em que busca verificar a validade da visada semiótica para com os textos provindos dos mais diferentes campos do estudo humano.

Acontecimento, Estética e Cotidiano: uma Reflexão sobre os Modos de Apreensão do Sentido

Cleyton Vieira Fernandes

Orientador: Prof. Dr. Antonio Vicente S. Pietroforte

Neste trabalho trataremos, de forma breve, de algumas questões levantadas por Greimas, em seu livro “Da Imperfeição”, cuja primeira edição data de 1987 e suscita, ainda hoje, diversas questões que ocupam o centro de interesse dos semioticistas seguidores da chamada Escola Francesa.

A relação desta reflexão com nossos interesses pessoais nos parece evidente, na medida em que temos trabalhado com o plano de expressão musical e suas formas de percepção. Em nosso escopo teórico trazemos as reflexões tensivas presentes nos trabalhos de Claude Zilberberg. O semioticista tem proposto diversos conceitos que serão aqui empregados e que, de certa forma, já fazem parte da metalinguagem da disciplina e, portanto, serão aqui introduzidos sem maiores detalhamentos. Ainda, como base do nosso trabalho, nos valem das propostas de Luiz Tatit que, de forma talvez mais organizada que o próprio Zilberberg, expõe as questões tensivas da construção do sentido e nos faz ver que, mais do que um aspecto teórico, tal processo faz parte da existência semiótica do ser e, portanto, emerge dos próprios objetos trazidos à análise.

Dividiremos nossa reflexão em três partes, tomando primeiramente os primeiros capítulos do livro de Greimas onde o acontecimento estésico é visto como uma “fratura” do cotidiano. Observaremos as características de tal fratura e procuraremos estabelecer os elementos caracterizantes em comum, a partir dos exemplos do semioticista. Em seguida, observaremos um tipo de acontecimento que, embora Greimas ainda classifique como uma fratura, no nosso modo de ver porta certas características que o distinguem dos anteriores. Falamos do exemplo tomado no conto de Cortazar, “Continuidade dos Parques”.

Finalmente, partindo da segunda parte do livro denominada “As escapatórias”, tentaremos observar a cifra tensiva das saliências estéticas que nos são apresentadas no cotidiano e procuraremos estabelecer uma curva tensiva que dê conta dos citados modos de apreensão.

A percepção de prosódia e o reconhecimento das variedades do português brasileiro

Daniel Oliveira Peres

Orientador: Prof. Dr. Waldemar Ferreira Netto

Este trabalho trata da variação regional em português brasileiro, pautando-se pelo viés perceptivo dos estudos da linguagem. Os trabalhos perceptuais de Atkinsons (1968), Bonte (1975), Maidment (1976), Ohala e Gilbert (1978) e Bezooijen e Gooskens (1999) já apontaram para a importância da prosódia como pista no reconhecimento das línguas e suas variedades. O presente estudo trabalhará com 3 variedades do português brasileiro: a variedade gaúcha (Pelotas), a paulistana (bairro da Mooca) e a cearense (Senador Pompeu). Os ouvintes participaram de um teste perceptual elaborado de maneira a eliminar do sinal acústico os segmentos produzidos (experimento 1), deixando como informação para os participantes somente as características prosódicas. Esse experimento foi subdividido em trechos de fala longos e curtos. Para a feitura do experimento foi utilizado o script PURR (Sonntag & Portele, 1998), para Praat (Boersma e Wennink, 1986). Em contrapartida, foi aplicado um teste que eliminou as variações prosódicas (experimento 2), restando somente a curva melódica monotônica, juntamente com os segmentos. A monotonização dos trechos de fala foi feita com a criação e sobreposição de uma senoide com o valor do tom médio de cada trecho. O tom médio foi obtido automaticamente via aplicativo Exprosodia (Ferreira Netto, 2006;2008). Os dados foram abordados em duas frentes de análise: via Teoria da Detecção do Sinal- TDS - (Macmillan e Creelman, 2005) e análise estatística dos dados gerais. Com essas duas abordagens, foi possível mensurar o desempenho individual e coletivo dos participantes.

Os resultados obtido na TDS demonstraram que os participantes tiveram um bom desempenho na tarefa de reconhecimento dialetal, com índices d-prime elevados. Isso atesta que os

acertos foram maiores que os erros e as rejeições corretas foram superiores aos alarmes falsos ($d' > 0$).

Na análise geral dos dados, no experimento 1 (PURR), os ouvintes de ambas as variedades tiveram um reconhecimento satisfatório de suas variedades. No trechos curtos de fala, aplicando-se o teste qui-quadrado, observou-se que a diferença foi significativa ($p < 0,05$). Para efeito de comparação, foi feito um teste F para saber se as diferenças de discriminação entre trechos curtos e longos foi significativa. Os resultados apontaram para uma diferença não significativa ($p > 0,05$). Logo, a duração de cada estímulo não influenciou no resultado. Para o teste com curva melódica monotônica, o teste qui-quadrado apontou uma diferença significativa entre erros e acertos em ambas as variedades ($p < 0,05$).

Nos dados brutos dos experimentos 1 e 2, parece que a tarefa de reconhecimento proposta no experimento 1 foi mais árdua para os participantes do que a proposta no experimento 2. Quanto às diferenças de desempenho entre variedades, foi feito um teste ANOVA de fator duplo. ($p > 0,05$), que indicou um desempenho semelhante dos participantes por variedade. Por outro lado, a relação entre acertos e alarmes falsos obteve $p > 0,05$. O resultado indica uma não aleatoriedade dos dados para a relação entre acerto e alarme falso e um desempenho semelhante dos grupos de participantes de cada variedade.

Pintura e fotografia: aproximações de uma poética visual

Daniela Nery Bracchi

Orientador: Prof. Dr. Ivã Carlos Lopes

Colocada em diálogo com outros meios visuais desde seu surgimento, a fotografia foi uma técnica intrigante à época de seu surgimento. Fruto de uma sociedade positivista que acreditava no desenvolvimento da ciência e da técnica, a fotografia dará visibilidade aos valores da classe burguesa que ansiava por um modo de representação. É então que a fotografia passa por um caminho onde existe uma bifurcação: por um lado mostra sua função de documento, de prova e tem seus usos nos registros policiais, nas fotos de família, etc. Por outro lado, aproxima-se às práticas artísticas e, nesse sentido, mobiliza críticos e teóricos a entenderem a especificidade desse meio nascente. Era a tentativa de compreender o que tornava a fotografia uma técnica pertencente ao domínio da arte e ter uma função poética. Essas pesquisas se deram ao definir a fotografia em termos de sua unicidade e das semelhanças estéticas com a pintura. Estava colocado então um diálogo entre sistemas visuais que mostra sua influência nas fotos desse período, ao mesmo tempo em que dá pistas sobre quais são as possibilidades expressivas próprias da fotografia. A partir da

definição de função poética do lingüista Roman Jakobson, buscamos investigar a emergência do fato poético nas imagens do período nascente da fotografia. Na medida em que essas obras travam um diálogo com as estratégias sensíveis próprias da pintura, encontramos, encontramos nesse fazer fotográfico uma das possibilidades de construção da poeticidade nos textos visuais. Outras estratégias contrárias a essa primeira foram exploradas posteriormente pela vanguarda fotográfica denominada de “nova visão”, tendo grande impacto na história da fotografia e das artes. Nossa busca do resgate da tentativa inicial da fotografia de se firmar como discurso artístico visa lançar luz sobre o diálogo entre pintura e fotografia que se dá a ver também na contemporaneidade como um modo inovador de construção de mensagens visuais, mas que encontra as suas raízes no período nascente da fotografia.

Um retrato da Educação a Distância pela mídia

Daniervelin Renata Marques Pereira

Orientadora: Profa. Dra. Norma Discini de Campos

O trabalho a ser apresentado partiu de enunciados encontrados na mídia que enquadram o tema “Educação a Distância” ou EaD como um fenômeno no limiar entre o velho e o novo, entre as práticas escolares tradicionais e uma entidade singular. Ao mesmo tempo, nos defrontamos com estudiosos da educação que classificam a modalidade de ensino-aprendizagem *online* como “em transição”. Com base na semiótica francesa e seus desdobramentos mais recentes, dedicamo-nos ao estudo dos discursos que são produzidos em 5 reportagens de diferentes revistas e jornais em 2009, 2010 e 2011, tendo em vista: a imagem dos sujeitos postos em situação enunciativa, os objetos considerados como sendo próprios do presencial ou digital, os valores que subjazem ao discurso de uma educação a distância modelo, tensão enfrentada pelos sujeitos em meio às coerções sociais para acesso ao conhecimento e as avaliações institucionais que axiologizam os lugares e formas em que se dão o ensino e a aprendizagem. De acordo com estudos já feitos desses enunciados, podemos dizer que não há estados bem definidos no percurso de deslocamento do ensino para o ambiente digital, mas fases tensivas, que procuram encaixar essa nova prática em categorias tipicamente presenciais, como “carga horária”, “provas presenciais”, “centros de atendimento”, “armazenamento de aulas presenciais em vídeos”. As categorias de tempo, espaço e pessoas são importantes na identificação desse “lugar” ocupado pela EaD no conjunto desses discursos analisados por nós. Outros efeitos apreendidos do texto tornam-se interessantes para, pelo discurso, entender como se constroem as imagens que direcionam os sujeitos e decidem mesmo os próximos caminhos a serem trilhados pela EaD. Perguntamo-nos ainda, de acordo com nossa pesquisa em

andamento, como a prática de EaD, a ocupação concreta de um “lugar”, responde a esse ideal da mídia e mesmo a outras práticas trazidas por ela.

Sociolinguística e Linguística Forense: identificação de autoria de textos escritos

Dayane Celestino de Almeida

Orientador: Prof. Dr. Ronald Beline Mendes

Grande parte dos estudos linguísticos, quando direcionados a uma aplicação mais direta na sociedade, voltam-se ao ensino e à aprendizagem de línguas. Entretanto, há outros campos que demandam uma interface com a Linguística e que carecem de estudos mais aprofundados no país, como, por exemplo, o Direito. A área que estabelece tal interface é chamada de Linguística Forense, ainda incipiente no Brasil. Ela se preocupa com a análise linguística na esfera criminal e judicial e dentre os seus interesses está a atribuição de autoria de textos escritos. Nossa pesquisa pretende fazer uso do instrumental teórico-metodológico da Sociolinguística, na análise para identificação de autoria de textos escritos, no âmbito forense.

A análise linguística pode ajudar na investigação da autoria de textos como cartas e mensagens anônimas (em caso de sequestros, chantagens, ameaças, etc.), documentos suspeitos de falsificação, websites com conteúdo ilegal, e-mails anônimos com conteúdo ofensivo, entre outros.

Coulthard (2004) afirma que “os tribunais e as cortes em vários países têm usado, com uma frequência crescente, a experiência de linguistas em casos em que há disputa com relação a algum aspecto de textos escritos”. Emprega-se o texto como prova, num processo judicial ou numa investigação criminal.

O trabalho do linguista preocupado em verificar a autoria de um texto na esfera forense pode ser de dois tipos: a) analisar o escrito cuja autoria esteja sendo questionada, comparando-o com uma amostra de outros textos dos suspeitos; e b) trabalhar em ocasiões em que pode ocorrer de não haver apenas um ou poucos suspeitos, mas muitos ou nenhum, configurando o que Grant (2008) chama de “single text problem”. Nesses casos, segundo Grant (2008), “Os linguistas podem ser capazes de responder à pergunta Que tipo de pessoa linguística escreveu este texto? e isso pode ser chamado de elaboração de perfil sociolinguístico”.

Algumas pesquisas sociolinguísticas analisam a língua em uso dentro de uma comunidade de fala, observando que, numa mesma comunidade, indivíduos de diferentes sexos, faixas-etárias, escolaridades, origens geográficas, etc. falam de maneiras diferentes. Se é possível associar usos linguísticos a determinados fatores sociais, a investigação dessas relações ajuda a determinar um

grupo ao qual pertence o possível autor do texto cuja autoria se pretende revelar, diminuindo consideravelmente o número de suspeitos. Ademais, a hipótese básica dos estudos de atribuição de autoria é a de que cada autor tem um estilo, tema abordado por pesquisas sociolinguísticas há bastante tempo, com diferentes enfoques no decorrer dos anos (LABOV, 1972; GILES e POWESLAND, 1975; BELL, 1984; ECKERT e RICKFORD, 2001; COUPLAND, 1981, 1996, 2007).

Neste trabalho, apresentamos uma análise preliminar de um conjunto de textos para exemplificar o que se descreve em “a” acima e a fim de verificar que premissas teóricas e procedimentos metodológicos sociolinguísticos levam a uma investigação mais acurada de um texto no sentido de se identificar sua autoria.

As manifestações discursivas da literatura lésbica de Hall e Bechdel

Débora Cristina Ferreira de Camargo

Orientador: Prof. Dr. Antonio Vicente S. Pietroforte

A análise do gênero da literatura lésbica, por meio do percurso gerativo do sentido de Greimas, constata que a literatura lésbica se expressa, pelo menos, de duas maneiras: uma, condenando e anulando o sujeito da mulher lésbica e outra, problematizando e euforizando esse sujeito.

Assim, desde a publicação do romance *O Poço da Solidão* de Radyclife Hall em 1928, considerado como a obra fundadora do gênero, as primeiras manifestações da literatura lésbica apresentam um discurso disfórico. A mulher homossexual aparece como um sujeito ainda inexistente no imaginário social e, como consequência, enfrenta uma grande dificuldade de nomeação, ou seja, de colocar-se em discurso. A incompreensão e a condenação da sociedade envolvem o sujeito lésbico, não permitindo sua realização. Como consequência, as personagens aderem a uma tragicidade romântica e permanecem em um estado extremo de tensão; o que resulta na abdicação da manifestação sexual, tornam-se heterossexuais, ou na euforização da morte como libertação desse estado tenso ao qual está condenada. Nos dois modos a mulher lésbica deixa de existir, o que torna o desenvolvimento da subjetividade lésbica impossível, já que sua existência é sempre temporária.

Surge, então, um novo modelo discursivo no final da década de 1970, no qual a literatura lésbica manifesta uma proposta de reação ao discurso disfórico. Esse discurso eufórico rompe radicalmente com a literatura que o antecede e propõe a euforização da vida da mulher lésbica e a criação de modelos positivos com finais felizes, em uma tentativa de realizar e incluir

definitivamente a lésbica em discurso. A partir desse modelo desgastado de “finais felizes”, a literatura lésbica abre um espaço para o desenvolvimento da subjetividade lésbica, que a partir de então começa a desenvolver um ethos mais consistente e verossímil e uma contínua problematização do lesbianismo e sua subversão. Verifica-se, portanto, que as relações discursivas presentes no gênero da literatura lésbica apresentam, no nível fundamental, a dicotomia das categorias semânticas vida vs morte e que a euforização do sujeito lésbico e de sua vida é uma reação à euforização tradicional da morte.

A obra de Alison Bechdel, que se estende do final dos anos 1980 até a atualidade, complexifica e amplia os dois modelos de manifestações discursivas citados anteriormente. Em sua coletânea de quadrinhos *The Essential Dykes to Watch Out For* e em seu romance *Fun Home*, encontra-se novas questões que envolvem o sujeito da mulher lésbica. Além de apresentar um relaxamento maior desse sujeito, que agora começa a problematizar sua identidade e discutir as relações de gênero (masculino e feminino) e de sexualidade (heterossexualidade e homossexualidade). Dessa maneira, com base na teoria da semiótica tensiva de Zilberberg, o estudo do fluxo narrativo da obra de Bechdel propõe um diálogo com os modelos discursivos que a antecedem, assim como constrói um novo espaço discursivo no gênero da literatura lésbica.

O Processo de Nomeação em Análise

Edelsvitha Partel Murillo

Orientadora: Profa. Dra Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

A toponímia, ao estudar o homem, seu espaço e seu tempo, confronta valores que podem ser analisados dentro de um contexto ambiental e sócio-cultural, visto que o topônimo pode ser compreendido como o vocábulo que estabelece a função semiótica entre o homem e a língua, entre o homem e o espaço e entre o homem e o tempo, em uma análise de linguagem especializada, que deverá ser sincrônica e diacrônica (Dick; 1999). Nesse sentido, procurando estudar o homem e o espaço transformado pelo homem – o território – definimos um recorte na região do Alto Tietê, região que está sofrendo grandes modificações pela construção de barragens destinadas ao abastecimento de água para a grande São Paulo. A relação do homem com o lugar e o impacto que esta população está vivenciando frente à brutal modificação do espaço configurou o objeto de nossa dissertação de mestrado, tendo por base os conceitos teóricos e a metodologia desenvolvidos por Dick (1990). A partir do levantamento toponímico, procuramos estabelecer algumas considerações sobre o processo de toponimização, por estarmos acompanhando a gênese de um percurso denominativo.

Segundo Ullmann, a diferença essencial entre os substantivos comuns e os nomes próprios é que “os primeiros são unidades significativas e os segundos simples marcas de identificação” (1973, 154).

A partir desse pressuposto, podemos dizer que a função dêitica do nome próprio é sua principal característica, mas não a única, pois, como afirmáramos acima, o topônimo estabelece relações entre o homem e o espaço ocupado pelo homem. Como termo designativo dentro do universo de uma dada língua é também revelador da cultura e esta pressupõe sistemas de valores que estão impressos na língua. A língua não se transforma automaticamente à medida que a cultura se transforma, ela pode ser reveladora de outras culturas (Benveniste; 2006, 56) O signo toponímico, como outros vocábulos da língua, é portador de traços culturais que, como Dick afirmou, o transformam em verdadeiros fósseis linguísticos.

Em razão de o topônimo ser entendido como léxico especializado e motivado (Dick; 1990), podemos dizer que a motivação se efetivaria no nível discursivo quando o vocábulo é ressemantizado, levando-se em conta um contexto geográfico, histórico, étnico, ideológico e, até mesmo, econômico e social. No processo de ressemantização, temos uma restrição semântico-sintática dos semas lexicais e gramaticais que recebem os acréscimos da combinatória dos semas contextuais de um campo de conhecimento (Barbosa; 1995). A denominação, então, passa a ter valor monossemêmico, pois àquela expressão corresponde um só semema que nada mais é que o lugar que ela denomina. Partindo da análise do triângulo de Ogden e Richards, poderíamos dizer que a linha antes pontilhada, ligando palavra e referente, pode ser pensada como uma linha contínua, pois, haveria uma relação direta entre o nome de lugar e o referente, que é o próprio lugar. Neste caso, não existiria um sentido comum que seria moldado de modo diferente em conteúdo e expressão (Hjelmslev; 2006, 56). Essas considerações sugerem duas características: o signo toponímico é monossemêmico e relaciona-se diretamente com o seu referente. Do ponto de vista das duas premissas apresentadas, poderíamos dizer que o termo ‘represa’, no universo de nossa pesquisa, quando usado pela comunidade local, define um lugar determinado. Diante desse comportamento, propomos que, para aquela comunidade, o vocábulo ‘represa’ está em processo de toponimização (cf. Dick; 1990).

À guisa de conclusão, podemos dizer que um referente de lugar passaria a ser topônimo quando, em uma situação de discurso, este designativo atinge plenamente os receptores. Devemos ressaltar, no entanto, que as considerações aqui apresentadas são pertinentes ao objeto de estudo e à perspectiva que adotamos, podendo não ser aplicáveis a todas as realidades e fatos toponímicos.

Traços d'África em Minas Gerais: a Gíria da Tabatinga como evidência do contato

Edna dos Santos Oliveira

Orientadora: Profa. Dra. Margarida Petter

O presente trabalho tem como objetivo principal a discussão preliminar em torno do contato lingüístico, partindo das proposições de Mufwene (2007) para as explicações sobre o fenômeno das interferências que produzem as mesclas, a partir do contato interlingüístico. Dessa forma, operamos com as explicações externas para a mudança lingüística, o que significa trabalhar com a observação do contato do ponto de vista social. Nossa intenção é mostrar de forma preliminar as evidências do contato, provocado pelo fato histórico das relações estabelecidas por um extenso período de tempo, ou seja, o produto do contato lingüístico entre portugueses e africanos durante a colonização do Brasil. Ao longo do período de convivência as misturas e as interferências foram inevitáveis e se fazem ver nos vários aspectos da cultura brasileira desde a religiosidade até a língua. Nas situações de contato, de forma geral, as populações submetidas, por uma série de fatores, assumem, de acordo com Mufwene, a língua e a cultura do dominador, produzindo um cenário de competição e seleção, no qual são as regras das populações externas que predominam, como no Brasil, onde a língua dos portugueses predominou no cenário de multilinguismo.

No entanto, a influência interlingüística em condições sócio-históricas locais específicas produziu outro tipo de resultado, uma forma lingüística híbrida que surgiu da combinação da estrutura do português com o léxico africano, ampliado para um pouco além do básico. Essa variedade lingüística que resiste ainda hoje no Município de Bom Despacho, em Minas Gerais, é considerada por Bonvini uma língua gramaticalmente próxima do português popular brasileiro.

Trata-se da gíria da Tabatinga, uma língua usada como código secreto com o fim de dificultar a compreensão pelos senhores brancos do que os negros falavam entre si. Ganhou o caráter lúdico que permanece até os dias atuais.

A Língua do Negro da Costa, como é denominada por Sônia Queiroz (1981), que, através da análise do seu léxico, classificou-a como de origem banta, estabeleceu-se na região centro-oeste do Estado de Minas com a chegada de negros trazidos para o trabalho na mineração. Apresenta um léxico de aproximadamente 180 palavras e é falada por cerca de 130 pessoas, predominantemente homens, em razão da temática principal que ela carrega: conversas e brincadeiras de cunho sexual, segundo dados levantados pelo Projeto IPHAN-USP (2010).

Ela apresenta-se como uma marca africana que subsiste na cultura brasileira e pode ser considerada uma forte evidência do longo período de contato lingüístico. Como buscamos demonstrar, há fortes evidências da influência provocada pelo contato lingüístico

entre africanos e portugueses na América portuguesa. Nesse âmbito, ressaltamos o registro da sobrevivência de línguas e falares de origem africana no Brasil, com ênfase em localidades de Minas Gerais onde há fortes traços da presença africana.

Crer e Saber na teoria semiótica

Eliane Pereira

Orientador: Prof. Dr. Waldir Bevidas

A distinção entre as modalidades crer e saber constitui uma discussão de fundo, já clássica, dentro da teoria semiótica. Greimas, em *Du Sens II* (1983), chama a atenção para o fato de que esses dois termos, nas línguas naturais, não somente se sobrepõem sem se confundir, mas chegam a de fato se opor, como podemos observar no exemplo dado pelo semioticista lituano: "Todos sabemos que vamos morrer, mas não acreditamos nisso".

Concebidos pela semiótica como duas modalidades que se articulam dentro de "um único e mesmo universo cognitivo" (Greimas, 1983: 133) e que, de acordo com Fontanille, em *Semiótica do Discurso* (2007 : 227), encontram tênue distinção dada pelo "modo de relacionamento e de valorização do objeto cognitivo", o crer e o saber convocam a teoria a refletir e produzir criticamente sobre seu liame e funcionamento no interior das relações intersubjetivas de comunicação.

Encontramo-nos, aqui, no campo de reflexão epistemológica sobre os milenares problemas filosóficos da 'verdade' e da 'crença'. Eles também se mostram especialmente relevantes para a teoria semiótica, visto que, no cerne de qualquer situação intersubjetiva de comunicação humana, temos o exercício persuasivo de um fazer-crer que conta com, no outro extremo da cadeia comunicativa, o próprio ato de crer, um ato essencialmente epistêmico.

Além disso, como chamam a atenção Greimas e Courtés em *Dicionário de Semiótica* (2008 : 107), "o crer não é somente o fundamento da fé religiosa, mas constitui também e entre outras coisas – certas análises recentes o mostram muito bem – a instância crucial do discurso científico". Não por acaso, Parret, na introdução de *De la Croyance* (1983), ao se voltar para o histórico da questão do crer em epistemologia e semiótica, identifica *Critique of Judgment*, de Kant, como o mais importante texto da pré-história do problema semiótico sobre o crer, mas aponta como um estágio interventor entre Kant e as teorias contemporâneas a crítica de Husserl ao objetivismo da ciência positivista. Para Husserl, a ciência não é independente da crença, e esse é o motivo pelo qual o conhecimento não pode se opor radicalmente à crença.

Os paradigmas evocados desse modo por Parret (Kant, Husserl e teoria semiótica contemporânea) não nos deixam esquecer as bases fenomenológicas da semiótica greimasiana, sobretudo a herança de Merleau-Ponty, das quais Greimas se reaproxima ao conceber as ferramentas tensivas: exatamente aquelas que permitem a abordagem dos conteúdos sensíveis (tímicos, próprios do crer) aderidos ao discurso. Propõe-se, assim, uma discussão sobre o crer e o saber que busca dar resposta à questão de partida: “Seria possível ao sujeito efetivamente saber algo sobre o mundo?”

Semiótica das paixões: a articulação entre o sensível e o inteligível na configuração passional

Eliane Soares de Lima

Orientadora: Profa. Dra. Norma Discini

O estudo das paixões, como destaca Fiorin (2007), sempre interessou ao homem, seja pela natureza intrínseca dos afetos, ou pelo poder de influência deles sobre o outro. Diferentes apontamentos têm sido feitos sobre o assunto. A este trabalho, cujo intuito é apresentar a proposta teórica da tese de doutorado, importa, no entanto, a perspectiva colocada pela semiótica de linha francesa, que concebe a paixão como efeito de sentido passional resultante de organizações, intersecções e combinações próprias ao texto, podendo, portanto, ser descrita sintaticamente. A ideia com a introdução de uma semiótica das paixões era a de “reduzir esse hiato entre o ‘conhecer’ e o ‘sentir’” (GREIMAS & FONTANILLE, 1993, p. 22). Todavia, mesmo reconhecendo a importância da tensividade fórica na configuração dos conteúdos passionais, a investigação sobre os formantes de uma determinada paixão ficou limitada aos aspectos inteligíveis, às modalidades. A organização modal permite, sem dúvida, definir a maneira de ser que “sensibiliza” a estrutura narrativa e a rege, identificando os estados que caracterizam os sujeitos, os dispositivos modais, as isotopias dominantes e a competência dos sujeitos narrativos; as modalidades, porém, dizem respeito à categorização, ao desdobramento sintático dos dispositivos que atuam no nível narrativo, nada dizendo a respeito do componente propriamente sensível. A foria, por sua vez, propiciando o exame do desenvolvimento contínuo e progressivo, da modulação e da direção tensiva que conduz e controla o encaminhamento discursivo, permite a compreensão da carga sensível das paixões, das condições perceptivas que sustentam a sua configuração. Assim, pretendemos validar um exame semiótico das paixões que não se prenda unicamente à passionalidade do sujeito enunciado, ou ao discurso apaixonado do sujeito enunciante, vistos como grandezas realizadas, mas sim, conjugando sensível e inteligível, à própria emergência passional da relação intersubjetiva dos sujeitos

envolvidos, às condições enunciativas de sua produção. Nossa intenção aqui é expor as hipóteses que têm norteado as análises e permitido pensar na possibilidade de classificação das paixões a partir de suas determinações tensivas. A determinação tensiva está ligada ao devir das axiologias, ao modo de acesso aos valores e à produção do “valor do valor” em um discurso, influenciando diretamente, a partir das operações de sensibilização e moralização, o modo como o sujeito da percepção apreende cognitivamente e sensivelmente o conteúdo enunciado e a maneira pela qual se configura a interação patêmica desencadeada. Acreditamos que uma classificação passional baseada no tipo de predicação tensiva adotada em um enunciado pode ajudar a compreender não só os constituintes modais da paixão no percurso do sujeito, mas sua natureza, qualidade e desenvolvimento discursivos, bem como seu efeito persuasivo sobre o enunciatário. O interesse em uma pesquisa como essa, com base nos desenvolvimentos da semiótica discursiva e tensiva, é, então, o de colaborar para uma compreensão cada vez maior das peculiaridades do sentido em ato – que emerge de nossa relação com o outro, com a própria realidade, enquanto realidade significativa –, inscrevendo-o em uma definição suficientemente abrangente para permitir um desdobramento teórico sistemático.

O papel do uso na mudança linguística

Fernanda Canever

Orientadora: Profa. Dra. Evani de Carvalho Viotti

Segundo o modelo de língua baseado no uso, os princípios fundamentais da gramática são derivados da experiência com a língua e não provenientes de uma dotação genética particular relacionada à linguagem (Langacker 1987, 1999; Bybee 2001, 2006). Bybee (2010) explica que a experiência com a língua é responsável não apenas pela aquisição, mas também pela mudança linguística. Ela também propõe que aumentos na frequência podem influenciar os falantes de tal modo que a mais frequente variante de um determinado fenômeno linguístico gradativamente passa a soar mais correta. Já Croft (2000), em seu modelo de mudança baseado no uso, propõe que a frequência por si só não é suficiente para dar conta do fenômeno de mudança, mas que fatores sociais, tais como prestígio e questões de identidade, também devem ser levados em conta.

À luz do modelo de língua baseado no uso e do modelo de mudança linguística baseado no uso proposto por Croft, este estudo pretende demonstrar que o uso da língua modela a estrutura linguística, ou seja, de que a experiência com a língua é responsável por constantemente formar nosso conhecimento linguístico. Para ilustrar essa idéia estou realizando um estudo de corpus sobre o infinitivo flexionado no português brasileiro, cujo emprego tem intrigado os falantes, inclusive os gramáticos, que divergem quanto a qual deve ser a forma mais adequada a cada caso.

Porque a frequência é correlacionada ao grau de arraigamento das construções na gramática dos falantes, a variação no uso do infinitivo flexionado está sendo medida em um corpus de língua escrita culta - o corpus LLIC-PósLetrasUsp, cuja compilação constituiu uma das etapas iniciais deste trabalho. Com 11.000.000 palavras, este corpus é formado por teses e dissertações de alunos do curso de Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais da USP. Uma vez que se trata de um grande volume de dados, a busca das frequências de ocorrência está sendo feita de modo automatizado com o software livre R, apontado atualmente como o mais completo concordanceador disponível (Gries 2009).

A hipótese que permeia este estudo é a de que quantificar a frequência de ocorrência das variantes em um corpus como esse pode revelar o que falantes de prestígio consideram gramaticalmente correto. Apesar de parecer contraditório utilizar um corpus de língua escrita para demonstrar que a mudança acontece através do uso, a ideia por trás dessa escolha metodológica é que uma vez atestado uma alta frequência de ocorrências de “inovações” em um corpus de língua escrita, tal fato pode ser visto como um sintoma de que mudanças ocorreram nas interações e agora pertencem ao conhecimento linguístico dos falantes.

Os resultados parciais revelam uma tendência para a flexão nas construções investigadas, sugerindo seu alto grau de arraigamento na gramática dos falantes de prestígio levados em conta.

Respostas sobreinformativas com quantificadores

Fernanda Rosa da Silva

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Barra Ferreira

O presente trabalho tem por objetivo verificar as características semânticas e pragmáticas de respostas sobreinformativas. Este tipo de resposta ocorre quando o falante, ao ser questionado sobre algo, dá uma resposta com informações além do esperado. Abaixo, apresento um exemplo de construção a ser estudada.

(1) A: O João foi pra festa?

B: \TODO MUNDO foi pra festa.

Em (1), em um contexto em que houve uma festa e o falante A quer saber se o João foi pra festa, o falante em B poderia responder apenas que o João foi, mas opta por dar uma resposta sobreinformativa. Esta acarreta que João tenha ido pra festa, mas também traz informações sobre todas as pessoas salientes no contexto. Se o falante B resolveu responder desta maneira, o que

aparentemente infringe a máxima de quantidade de Grice é porque há informações relevantes que não foram pronunciadas, mas que ele deseja trazer ao contexto.

Büiring (1995) apresenta alguns tipos de construções em que o falante não responde exatamente ao que é requerido, mas parcialmente, que ele chama de tópico parcial, ou muda a direção da conversa com sua resposta, tópico contrastivo. Para este estudo, tomamos como tópico o constituinte presente no contexto e foco o constituinte que traz a informação nova ao contexto. Abaixo um exemplo de tópico parcial.

(2) A: O João foi pra festa?

B: /A MAIORIA DOS FUNCIONÁRIOS \foi.

Na construção em (2), segundo Büiring, há dois acentos prosódicos, um de curva descendente, que caracteriza foco e o outro, imprescindível pra sentença ser apropriada, recai sobre o constituinte de tópico e tem curva ascendente. Büiring chama de S-topic constituintes que apresentam este tipo de acento prosódico. S-topic ocorre em construções com tópicos contrastivos e parciais, mas não com construções de respostas sobreinformativas, em que pico de acento tem curva descendente.

Defendo que constituintes sobreinformativos, por possuírem acento descendente e trazerem informações novas ao contexto, tratam-se de um tipo especial de foco e não tópico, como nas construções de tópico parcial ou contrastivos apresentadas por Büiring. Este tipo de foco ocorre a partir uma operação de focalização que ocorre sobre o constituinte de tópico e consiste em evidenciar todo o conjunto do qual o elemento de tópico faz parte e inseri-lo no contexto. Para isso, apresentarei construções com perguntas polares, em que a resposta esperada seja sim ou não; construções com perguntas de constituinte, em que um elemento interrogativo é inserido na questão e geralmente é substituído pelo foco na resposta, e algumas construções afirmativas, em que o falante contrasta uma afirmação com uma resposta sobreinformativa. Nestas construções, serão verificados quantificadores universais como “todo” e negativos como “ninguém” e “nada” nas posições de argumento interno e externo e, em sentenças com verbos bitransitivos, nas posições de locativo e dativo.

Influências do sagrado na formação da toponímia da estrada real

Francisco de Assis Carvalho

Orientadora: Profa. Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Integrada na Onomástica e como parte da Linguística, a Toponímia ocupa-se dos nomes de lugar. Constitui-se como uma área de estudos que se fundamenta na idéia de que a nomeação de um lugar não se dá de maneira aleatória ou despropositada, mas que essa nomeação ao ser investigada, pode revelar importantes informações referentes à língua em uso na região pesquisada e aos costumes e valores preponderantes.

A realidade linguística brasileira está perpassada pelas marcas colonizadoras dos diversos tipos de contatos culturais que ocorreram ao longo da história da ocupação territorial. Em nossa pesquisa sobre a construção toponímica da Estrada Real, detectamos que o processo de nomeação das cidades e logradouros que fazem parte desta rota sofreu muitas e variadas influências. Originou-se, assim, uma toponímia rica e variada, com a predominância de nomes sagrados ligados à religião do colonizador.

Segundo Eliade, em *O Sagrado e O Profano* (1987, p.37), instalar-se num território equivale, em última instância, a consagrá-lo. Para Cassirer em *Linguagem e Mito* (1976, p.79) “o mundo da linguagem e da moral, as formas fundamentais da comunidade e do Estado vinculam-se, originariamente, nas concepções mítico-religiosas”. Dick em *Toponímia e Antroponímia no Brasil* (1990, p.156) ressalta que “a religiosidade lusitana encontrou no Novo Continente, o clima fecundo ao seu expansionismo. A autora lembra que Portugal estava em situação privilegiada junto às demais nações europeias e que o empreendimento das Grandes Navegações tinha um duplo aspecto: as trocas comerciais e a conquista espiritual, dois pólos de um mesmo interesse: “servir ao Senhor, mediante a propagação de seu Santo Nome e de sua Santa Fé, entre tantos pagãos”. Portugal assumiu a dicotomia entre colonização e evangelização. Podemos dizer que havia uma “mística do colonizador” que foi vivida em obediência à autoridade papal. Os lugares conquistados foram “batizados” com nomes de origem cristã, obedecendo os preceitos religiosos católicos segundo as devoções dos descobridores, o onomástica hagiológica, a data ligada à liturgia ou o santo do nome do rei ou de sua preferência.

Em nosso estudo queremos detectar as marcas religiosas na formação toponímica da Estrada Real, conforme a intenção primitiva do nomeador, observando os processos de constituição mórfica e as diferentes procedências, de acordo com as diversas motivações e transformações operadas, num enfoque propriamente linguístico e sincrônico. Para isso, utilizaremos as categorias taxionômicas de Dick (1990) e sua investigação metodológica. Esperamos, assim, poder contribuir para um melhor conhecimento toponímico da Estrada Real. Como corpus utilizamos os nomes dos municípios e distritos apresentados pelo Mapa elaborado pelo Instituto Estrada Real, conforme a Lei de nº 13173/99, de 20/01/1999 do governo de MG que estabeleceu o “Programa de Incentivo ao Desenvolvimento do Potencial Turístico da Estrada Real”.

Do figurativo ao figural

Francisco Elias Simão Merçon

Orientador: Prof. Dr. Luiz Tatit

Companhia é um dos textos em prosa, de Samuel Beckett, reunidos na coletânea chamada *Nohow on*, normalmente mencionada pela crítica como sendo a “segunda trilogia” do autor irlandês. Conta a história de alguém que ouve uma voz narrando o seu suposto passado. Além desse alguém, cuja identidade em momento algum é expressa, e da voz, há ainda a presença, ainda que incerta, de um outro sujeito. Não se sabe ao certo a quem a voz se dirige, se a esse “alguém” ou ao “outro” que supostamente se encontra ao lado. De qualquer modo, há um sujeito incerto que é desprovido de fala e fica imaginando histórias para ter companhia. A história toda é, portanto, a fabulação de um sujeito que tem suas faculdades motoras, intelectivas e discursivas debilitadas e, por isso, permanece deitado de costas no escuro inventando possíveis interlocutores para lhe fazer companhia, mas que, no final, permanece “só”, segundo as palavras do próprio narrador. Algumas características discursivas enumeradas acima são suficientes para ressaltar o traço peculiar do enunciador beckettiano, que propõe um tipo de contrato de veridicção muito diferente do que propõe a estética naturalista – marcada pelo apagamento das marcas da enunciação no enunciado – e do que propõe o romantismo, que valoriza os efeitos de sentido de subjetividade enunciativa. Ao contrário do que se vê na produção literária de ambas as correntes (expansão do mundo para a estética naturalista, expansão do sujeito para a estética romântica), o romance *Companhia* sugere uma estética discursiva de concentração das categorias de pessoa, tempo e espaço. O assim chamado “minimalismo” de Beckett decorre, portanto, de operações discursivas específicas, que podem ser descritas e elucidadas pela teoria semiótica.

O objetivo deste trabalho é apresentar algumas das operações discursivas que se articulam em profundidade no texto beckettiano – mais propriamente no nível tensivo –, e que são responsáveis por uma espécie de movimento oscilatório de expansão e concentração de um ato “enunciativo” *sui generis*, a imaginação. Ao investigar os segmentos que trazem esse movimento oscilatório, revela-se o percurso que acreditamos permear uma ampla produção literária do autor irlandês, a saber, o que vai do figurativo ao figural.

O percurso do sujeito em “Menina a caminho”, de Raduan Nassar

Glauco Ortega Fernandez

Orientador: Prof. Dr. Waldir Bevidas

No conto *Menina a caminho*, primeira obra de ficção de Raduan Nassar, um narrador em terceira pessoa apresenta a história de uma menina, cujo nome não é citado, que aparentemente “passeia” pelas ruas de uma pequena cidade de interior. No decorrer de seu trajeto, a menina vivencia várias situações cotidianas comuns em uma pequena cidade, algumas vezes com espanto, outras vezes apreensiva, assustada, alegre e satisfeita. Essas situações são como pequenas narrativas que, em conjunto, vão dando forma ao percurso narrativo da menina, protagonista do conto.

O sujeito enunciador do conto arquiteta um narrador que, pelo seu modo de narrar, cria no texto um efeito de sentido de identificação do enunciatário com o sujeito actante menina. Os pontos de vista de um e outro se confundem, e o enunciatário tem a sensação de estar caminhando juntamente com a menina, de estar vivenciando, com ela, as inúmeras experiências cotidianas às quais se submete no percurso de seu caminho. No final do conto, a narração do desfecho da caminhada da menina, de seu ponto de chegada, faz-nos voltar a pensar, com mais intensidade, no caminho por ela percorrido. Parece-nos, deste modo, que as experiências vivenciadas pela menina ao longo de sua caminhada pelas ruas de uma pequena cidade de interior não são menos importantes do que a *performance* narrativa final deste sujeito.

Estabelece-se, desse modo, um ponto de partida para o estudo do referido texto: como se articulam os mecanismos de construção de sentidos mobilizados no e pelo texto, enquanto um discurso literário, responsáveis por gerar tal efeito de sentido?

Para responder a essa questão, objetivamos, com a realização da pesquisa ora proposta, estudar o conto *Menina a caminho* ancorando-nos na teoria semiótica greimasiana. Por meio do instrumental oferecido por esta teoria, pretendemos analisar seu plano do conteúdo, através dos níveis do percurso gerativo de sentido, e também a relação deste com o seu plano de expressão, tão relevante para a literatura no processo de materialização de sentidos. Basearemos-nos tanto nos conceitos da semiótica conhecida como tradicional quanto naqueles mais recentes que surgiram com os desenvolvimentos de tal teoria nos anos noventa, no âmbito da semiótica conhecida como tensiva.

O fazer missivo em “Era um garoto, que como eu”

Guilherme Demarchi Silva

Orientador: Prof. Dr. Antonio Vicente Seraphim Pietroforte

A letra de “Era um garoto, que como eu” dos Engenheiros do Hawaii aborda a Guerra do Vietnã. Suas figuras e temas mostram, no nível do discurso, elementos relacionados aos valores de

vida e de morte, que, no percurso gerativo do sentido, mostrarão as forças atuantes favorável e contrariamente ao sujeito, levando-nos, assim, a uma análise do fazer missivo. Nesta análise, utilizaremos principalmente o instrumental teórico de Para introduzir o fazer missivo, de Claude Zilberberg (2006).

Semiótica e sustentabilidade: um diálogo a partir de artesanato quilombola

Ilca Suzana Lopes Vilela

Orientador: Prof. Dr. Ivã Carlos Lopes

A produção artesanal das bonecas pretas da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas será o ponto de partida desta pesquisa. Entendidas como um elemento de afirmação identitária do grupo, pois figurativizam questões relacionadas à etnia, à cultura, à valorização do espaço e do tempo que lhe dão suporte para a sua produção sem a degradação ambiental. Nesse aspecto serão analisadas as relações entre produção artesanal e os discursos da sustentabilidade, por meio de uma retomada diacrônica das acepções e sua utilização na atualidade, com vistas aos seguintes objetivos: analisar a contensão e a expansão do termo sustentabilidade dentro de uma perspectiva diacrônica e suas implicações com os modos de vida da atualidade; apreender as relações de pessoa, tempo e espaço das bonecas do quilombo Conceição das Crioulas; discutir a materialidade como formante da expressão visual e tátil do texto “bonecas pretas”. Para isso, usar-se-á o aporte teórico e metodológico da Semiótica da Escola de Paris, inclusive com suas contribuições mais recentes, o sincretismo de linguagens e os estudos tensivos. As bonecas, como objetos de consumo e textos artesanais sensíveis (visuais e táteis), parecem produzir uma espécie de encantamento no sujeito comprador, pois podem causar certas rupturas com o já-visto e experencializado por fugirem de estereótipos, além disso, o trabalho com categorias visuais que se relacionam com uma expressão pode ser homologado às categorias do conteúdo, de modo a gerar mais uma possibilidade de se compreender a significação e também de se (re)pensar a concepção de texto, tal envergadura possível das linguagens é denominada semi-simbolismo. Dessa mesma perspectiva, é importante reconhecer as possibilidades de análise a partir da obra *De l'imperfection*, de Algirdas Julien Greimas, o fundador da teoria em tela. Nela, o autor, a partir de objetos estéticos, marca o que se pode entender como níveis de expressão relacionados a uma semiótica do visível. Uma outra questão a tratar diz respeito à elasticidade, como um aspecto que não se refere apenas ao nível discursivo, mas a própria textualização, momento em que se tem a junção do plano do conteúdo com o plano da expressão. O resultado desta pesquisa fará evidenciar a importância de grupos mais ou menos isolados conseguirem se organizar coletivamente para dar visibilidade à sua

identidade por meio de uma produção artesanal. Ao mesmo tempo, discutir essa produção na relação com discursos acerca da sustentabilidade contribuirá para o entendimento do alcance desse novo paradigma do ser humano. Além disso, inserir a temática nos estudos da semiótica, ao mesmo tempo que respalda a pesquisa com o discurso de autoridade dos trabalhos por ela já divulgados, contribui com a mesma no sentido de aportar a ela novas temáticas de análise e a discussão teórica acerca da materialidade.

A contribuição da localidade na estrutura morfossintática: evidências dos verbos complexos no português brasileiro

Indaiá Bassani

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Scher

No presente trabalho, investigamos verbos complexos no português brasileiro com especial atenção às possíveis contribuições dos prefixos a-, en- e es- para a estrutura argumental, semântica e aspectual do produto final. Além disso, temos como objetivo teórico propor que a distinção empírica entre prefixos lexicais e superlexicais (Svenonius 2004, Markova & Padrosa-Trias 2008) pode ser tratada em termos de localidade na formação de palavras no âmbito de uma teoria sintática, a Morfologia Distribuída (Halle & Marantz, 1993).

A primeira parte do trabalho apresenta uma descrição empírica dos dados em que destacamos os seguintes achados: a) esses prefixos parecem ser estruturalmente internos, pois somente se anexam a bases morfologicamente simples ou raízes puras; b) são restritos a contextos verbais eventivos, em contexto nominal se restringem a participípios e nominalizações eventivas; c) só se ligam a raízes relacionadas a alguma propriedade de estados (vermelho, padrinho) (Embick, 2009); locais (gaveta, garrafa) e maneira (carinho, faca); d) formam eventos relacionados a uma forma lógica do tipo [(x CAUSE/MAKE) y CHANGE/GO TO z]; e) têm valores aspectuais inerentes (incoativo, ingressivo e egressivo), que podem ser alterados na combinação com a semântica das raízes; f) estão relacionados a estruturas télicas, pois formam somente verbos do tipo accomplishment e achievement e f) integram verbos que exigem a presença de um argumento interno.

Na segunda parte do trabalho, discutimos duas propostas de análise para o tratamento dos prefixos nas línguas naturais (Svenonius, 2004 e Markova & Padrosa-Trias, 2008) para, finalmente, sugerir uma análise em termos de uma teoria sintática de formação de palavras: a Morfologia Distribuída. Mostramos que a distinção empírica entre prefixos lexicais (estritamente lexicais ou internos) e prefixos superlexicais (sintáticos) pode ser tratada em termos da localidade na formação

de palavras (Marantz 2001, Embick, 2010), dispensando a necessidade de uma teoria com dois lugares para formação de palavras e sentenças. Além disso, mostramos, por meio desses mesmos dados, que a proposta de uma anexação “abaixo de VP” ou “acima de VP” (Svenonius 2004) é muito ampla.

Desse modo, nossa proposta geral é de que prefixos podem se anexar em três locais na estrutura sintática com consequências importantes para seu comportamento na formação do produto: a) internamente à RaizP; b) externamente à RaizP, mas não acima do primeiro categorizador; c) acima do primeiro categorizador, funcionando como prefixos modificadores de evento.

Finalmente, sugerimos que os prefixos verbais a-, en- e es- podem se concatenar internamente à RaizP, contexto em que a formação final apresenta interpretação especial (não composicional) e o prefixo não influencia as estruturas argumental, aspectual e semântica do verbo, ou podem se concatenar acima de RaizP, sendo responsáveis pela categorização da base ou raiz junto com vP, contexto em que são responsáveis por modificações na estrutura argumental, semântica e aspectual das bases ou raízes. No entanto, esses prefixos nunca se anexam como modificadores de evento, acima de vP, razão pela qual podemos nomeá-los prefixos internos e contrastá-los com prefixos como o de negação in- e o repetitivo re-, partículas modificadoras de evento.

Descrição morfossintática da construção passiva na língua Karitiana

Ivan Rocha da Silva

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Storto

O objetivo desse trabalho é descrever e analisar a construção passiva na língua Karitiana (família Arikem, Tupi, Rondônia). O trabalho tem um viés descritivo e uma busca por uma teoria sintática (talvez semântica) que explique as propriedades dessa construção. Na língua Karitiana a passiva é do tipo ‘passiva impessoal’, por ex., “cortaram a árvore” ou ‘a árvore foi corta’, até então não encontramos na língua passiva do tipo ‘a árvore foi cortada pelo João’. É um tipo de construção que usa a estratégia de omitir o Agente ou Causa da construção.

A construção passiva é utilizada como evidência morfossintática na língua para classificação verbal. O fato de todos os verbos transitivos e bitransitivos ocorrerem com o morfema {a-} de passiva impessoal. O morfema {a-} possibilita a impessoalização do sujeito das construções com verbos transitivos e bitransitivos. Ao adicionarmos o morfema {a-} a qualquer verbo intransitivo a construção fica agramatical como podemos ver nos exemplos a. Esses fatos, somados

às demais evidências descritas em Rocha (2010), dão-nos parâmetros para identificar e distinguir verbos transitivos de intransitivos. Este morfema também é usado para deixar implícito o segundo argumento que foi adicionado a uma construção intransitiva via morfema {m-}, coocorrendo, portanto, os morfemas {m-} e {a-} nas sentenças deste tipo.

Todos os verbos intransitivos podem ser transitivizados pelo morfema {m-}, por exemplo e depois podem sofrer um processo de passivização através do morfema {a-}. O mesmo processo ocorre com os verbos intransitivos com objeto oblíquo. Adicionamos o morfema {m-} e {a-} a um verbo transitivo, o que torna a sentença agramatical. Essa restrição ocorre com todos os verbos transitivos nos possibilitando, junto com outras evidências, identificá-los.

A construção passiva em Karitiana pode ocorrer nos contextos sintáticos de modo assertivo, modo declarativo (monooracional) e na construção de cópula (declarativa bioracional).

As propriedades das projeções verbais em Karitiana foram analisadas a partir da teoria de estrutura argumental de Hale e Keyser (2002), contudo, essa teoria não dá conta da análise para as passivas nesta língua, já que se trata de uma teoria que separa o “módulo estrutura argumental” do “módulo sintaxe”, vale fazer uma observação que mesmo ocorrendo essa separação deve ficar claro que existe regra sintática no processo de formação e derivação de verbos.

Condicionamentos discursivos e interacionais ao uso de "você/cê(s)" em SP

Ivanete Belém do Nascimento

Orientador: Prof. Dr. Ronald Beline Mendes

Na cidade de São Paulo, o pronome de segunda pessoa (singular ou plural) apresenta duas formas variantes: a variante plena “você(s)” e a forma foneticamente reduzida “cê(s)”. Neste estudo, são investigados a correlação de fatores de natureza discursiva e pragmática ao uso dessas duas variantes na comunidade de fala paulistana.

O quadro teórico-metodológico adotado é o da Sociolinguística Variacionista (Labov, 1994, 2001), a qual concebe a variação como parte integrante do próprio sistema linguístico, controlada por questões de natureza extralinguística e linguística (Weinreich, Labov & Herzog, 1968).

Em Nascimento (2011), desenvolvemos um estudo do uso variável do pronome de segunda pessoa “você(s)/cê(s)” na cidade de São Paulo, levando-se em consideração grupos de fatores tanto internos ao sistema (fonético-fonológicas, morfossintáticas, sintáticas, semânticas e discursivas), quanto externos a ele (sociais e interacionais). No presente estudo, centramos nossa atenção apenas às questões discursivas e interacionais.

Para tal, analisou-se um corpus composto por 36 entrevistas sociolinguísticas, cujos informantes são paulistanos. As entrevistas foram realizadas por diferentes documentadores entre 2003 e 2009 e integram um corpus organizado pelo GESOL (Grupo de Estudos e Pesquisa em Sociolinguística – DL/FFLCH-USP).

No plano discursivo, foram investigadas quatro variáveis independentes:

- Paralelismo de formas pronominais de segunda pessoa (Scherre, 1998): pressupõe-se que uma vez pronunciada uma variante, “você(s)” ou “cê(s)”, o falante tenda a continuar empregando-a nas orações subseqüentes (“você trabalha ou você estuda, não tem como você se dedicar a tudo...);

- Paralelismo de formas reduzidas adjacentes ao pronome: espera-se a que variante reduzida “cê(s)” seja favorecida quando outras formas reduzidas ocorrerem adjacentes a ela (“cê num tá entendendo...”);

- Frequência do verbo: investigou-se qual a frequência dos verbos que acompanham o pronome-sujeito no corpus, a fim de observar se o uso da variante reduzida seria mais frequente quanto maior a frequência do verbo;

- Tipo de discurso: reportado e não-reportado.

Quanto à interação, foram investigadas três variáveis:

- Relação entre os interlocutores: parente, amigo, amigo de amigo, colega, sem contato prévio à entrevista.

- Papel do indivíduo na entrevista sociolinguística: informante ou documentador;

- Sexo/Gênero dos interlocutores: relações simétricas (homem-homem; mulher-mulher); relações assimétricas (homem-mulher; mulher-homem).

Os resultados evidenciam que a forma reduzida “cê(s)” é fortemente correlacionada por questões do paralelismo; sendo favorecida também em discursos não-reportados e quando o pronome é acompanhado por verbos mais frequentes no corpus. A mesma variante também é favorecida em interações cujos interlocutores são mulheres e nas interações entre parentes e amigos (o que indica ser o grau de proximidade entre os interlocutores um fator relevante). Os informantes (por oposição aos documentadores) são os que mais favorecem o emprego de “cê(s)”.

Adicionalmente, a variante reduzida do pronome pode estar associada a uma “maior informalidade”, semelhante ao que se observa para o “tu” em comunidades de fala de Brasília (Lucca, 2005; Dias, 2007), exceto pelo fato de que “tu” tende a ser empregado entre os homens, ao passo que “cê(s)” é a forma preferida entre as mulheres.

Um piloto sobre entoação como evidência sintática em sentenças genéricas

João Vinicius de Almeida Braga

O presente trabalho apresenta os resultados de um experimento piloto acerca da genericidade do Português Brasileiro (doravante PB) na interface entre sintaxe-fonologia prosódica. Nosso objetivo mais imediato é encontrar indicativos de que a genericidade no PB possui uma entoação especial que acompanha as informações semântico-sintáticas. Partimos de Chomsky (1995 e trabalhos posteriores) para a análise sintática e concepção do modelo teórico. Guimarães (1998) nos aponta os caminhos da interface entre sintaxe e prosódia com base no axioma de correspondência linear – LCA. Krifka et. al. (1995), Chierchia (1998), Carlson (1972) nos embasam nas suposições de que compõem semanticamente uma sentença genérica e para o PB nos apoiamos nos diversos trabalhos de Müller e em Schmitt & Munn (1999), que trabalham dentro do quadro da semântica formal. De Viotti & Müller (2003) nos apoiamos na hipótese de que os sujeitos de sentenças genéricas ficam em posições A-barra: prevendo, portanto, que haja diferenças entre a prosódia de sentenças episódicas e genéricas. Mapeamos as entoações em função da posição sintática em que se expressa a genericidade e do tipo de informação veiculada, seja genérica no predicado ou no sintagma nominal. Nossa hipótese é de que a prosódia se encarrega de desfazer essa ambiguidade. Tenani (2002) estudou declarativas no PB, seu estudo, porém, tinha como base sentenças episódicas que foram somente lidas. Utilizaremos o software Praat e o modelizador MOMEL para realizar as gravações e análises dos dados, seguindo as diretrizes propostas por Celeste (2007). Neste primeiro experimento testamos apenas sujeitos com a posição de determinante preenchida foneticamente buscando encontrar o referido contraste. Testamos igualmente expressões de referência à espécie, como ‘o cachorro dalmata’, em contextos genéricos e episódicos, bem como sujeitos definidos, por exemplo ‘o cachorro da mata’, devidamente contextualizados. O piloto conta com a participação de 10 falantes do português brasileiro convidados a responder perguntas que induzem a produção de sentenças genéricas e episódicas e também leitura de sentenças como forma de controle de produção.

Discurso e mídia: uma leitura discursiva da fórmula ‘desenvolvimento sustentável’

Julia Lourenço Costa

Orientadora: Profa. Dra. Norma Discini

A pesquisa, fundamentada teórica e metodologicamente no domínio da Análise do Discurso de orientação francesa, sobretudo em recentes pesquisas de Dominique Maingueneau (2005 e 2010) e de Alice Krieg-Planque (2007 e 2010), a ser desenvolvida na conjunção com a teoria Semiótica de

base greimasiana (GREIMAS & COURTÉS, 1986; GREIMAS, 2008) e nos seus desdobramentos tensivos (ZILBERBERG, 2006), buscará compreender a emergência e o emprego da fórmula “desenvolvimento sustentável” na revista *Veja* (elegemos as edições de 1992 até as contemporâneas como corpus), analisando a fórmula como a unidade sintagmática depreendida da totalidade midiática, a qual constrói um dizer peculiar acerca do desenvolvimento ambiental por vezes em conjunção ou em disjunção com o desenvolvimento econômico. Procuraremos, portanto, depreender a maneira como este sintagma foi interpretado e colocado em circulação, por meio do aparelho midiático analisado, construindo e contendo não só os discursos acerca da questão ambiental, mas também delimitando a história da intersecção entre a temática ambiental e a temática econômica, intersecção esta que recebe novos contornos a cada situação de uso da fórmula em questão, como consideraremos: “A imprevisibilidade do sentido, que o identifica como algo a ser conhecido, e a factualidade que resulta disso estão vinculadas à questão ‘sempre recomeçada’: entre os valores de impacto e os valores de universo” (ZILBERBERG, 2006). Apreendendo, portanto a fórmula "desenvolvimento sustentável" não somente como fato da superfície textual, mas buscando compreender como esta se dá na discursivização, atentando, desse modo, para tal fórmula como figura nuclear de uma totalidade de revistas *Veja*, segundo a observação a ser feita do tema nuclear pressuposto, o qual remete a formações discursivas e formações ideológicas contidas e constituintes da totalidade *Veja*, depreenderemos a relação polêmica travada entre a fórmula e outros discursos, considerando que “não existe relação polêmica ‘em si’: a relação com o Outro é função da relação consigo mesmo” (MAINGUENEAU, 2005). Procuraremos desta forma, em suma, compreender entre outras questões como esse sintagma: a) se desloca no discurso, enquanto se cristaliza linguisticamente no interdiscurso; b) se inscreve em determinada dimensão discursiva, na medida em que se vincula a uma presença funcionando como um referente social e incorporando aspectos polêmicos; c) se submete ao regime discursivo da aforização; d) se reflete no nível tensivo; e) como pode ser considerado uma unidade vinculada à manifestação textual, esta que corresponde à junção dos planos do conteúdo e da expressão dos textos.

O presente estudo se justifica, por fim, pelo fato de, num movimento interdisciplinar, procurar a conexão entre a Análise do Discurso de linha francesa e a Semiótica de base greimasiana e seus desdobramentos tensivos, com apoio em princípios teóricos e metodológicos que sustentam a investigação e a descrição dos mecanismos de construção do sentido examinados na totalidade midiática referida.

O objetivo deste trabalho, desenvolvido no quadro teórico da Gramática Cognitiva, é investigar de que maneira a subjetificação se manifesta no domínio médio do português brasileiro (PB). Mais especificamente, pretende-se averiguar quais parâmetros de atenuação podem ser relacionados ao fenômeno em estudo. No que se refere ao domínio médio, ele será entendido, aqui, como um conjunto de construções que apresentam *elaboração relativa do evento*, como proposto por Kemmer (1993, 1994). Desse ponto de vista, construções médias podem ser consideradas categorias semânticas intermediárias numa escala de transitividade, no sentido de que estariam entre aquelas que expressam eventos de um participante e as que expressam eventos de dois participantes. Já o conceito de subjetificação, proposto e desenvolvido por Langacker em sucessivos trabalhos, pode ser atualmente descrito como “um tipo de ‘atenuação’ ou ‘esvanecimento’ semântico” do que o autor chama ‘objeto de conceitualização’ (2006:21). Quando ocorre a atenuação de um objeto de conceitualização, há um aumento do papel dos sujeitos de conceitualização. Ainda segundo Langacker (2000:301), a atenuação pode ser observada a respeito de, pelo menos, quatro parâmetros: (i) *Mudança de estatuto*: real > potencial, ou específico > genérico; (ii) *Mudança de foco*: perfilado > não perfilado; (iii) *Mudança de domínio*: interação física > interação experiencial ou social e (iv) *Mudança no local de potência ou atividade*: trajetor focalizado na cena (*onstage*) > participante fora da cena (*offstage*). A partir dos parâmetros apresentados, o autor observa que o ponto final da progressão em direção à subjetificação pode ser o total desaparecimento de um dos componentes da dinâmica de força. Este trabalho consiste na comparação entre sentenças que expressam um evento com a cadeia de ação completa, com dois participantes (do tipo “João abriu a porta.”) e sentenças que expressam um evento absoluto, com apenas um participante (do tipo “a porta abriu.”), para propor uma análise de sua gramática em termos da teoria de subjetificação de Langacker.

A presença da oralidade no teatro de Martins Pena

Katiuscia Cristina Santana

Orientador: Prof. Dr. Hudinilson Urbano

A pesquisa de Mestrado em andamento sob orientação do Prof. Dr. Hudinilson Urbano na área de Filologia e Língua Portuguesa da FFLCH/USP dedica-se ao estudo da língua oral presente no teatro de Martins Pena, escritor do período romântico brasileiro considerado como o precursor

das comédias de costumes no Brasil. Tendo como *corpus* a edição crítica das comédias organizadas por Darcy Damasceno pelas Edições de Ouro de 1971, pretende-se estudar a variação linguística presente nos diálogos das peças teatrais, em especial as *Comédias* sob a perspectiva da Sociolinguística e da Análise da Conversação. A pesquisa reflete sobre as falas dos personagens-tipo presentes nas comédias do escritor e a possível relação entre a língua falada e a caracterização do personagem. Partimos da hipótese de que, assim como a ação dos personagens na peça teatral, a fala exerce fundamental importância para a caracterização dos personagens, sobretudo em relação aos personagens-tipo, ou seja, aquele personagem que representa um grupo social ou uma sociedade.

Existem recursos para que o escritor transponha a língua falada em texto literário, que nos chega com aparência de realidade. Isso não significa dizer que o personagem é uma cópia exata de uma pessoa, mas deve ser criado pelo escritor de forma coerente para que tenha uma lógica interna no contexto da história. Por ser um texto escrito, o texto literário pressupõe um processo de elaboração, de reflexão, de planejamento, que se afastaria em tese da dinâmica da língua oral espontânea, que se desenvolve de forma imprevista no processo de interação. Isso não nos impede de estudar o diálogo literário, em especial o texto teatral, uma vez que o teatro visa à dramatização. A análise dos diálogos permite o estabelecimento de conceitos que levam em consideração a estrutura das conversações reais, tais como as trocas, as intervenções e os atos de linguagem, diversos tipos de trocas que colaboram para o andamento do processo interacional. Em relação ao texto teatral, por exemplo, podemos estabelecer dois eixos de pesquisas: podemos nos restringir à materialidade escrita do texto e reconhecer no próprio texto escrito os elementos comuns encontrados na língua falada ou, então, podemos cotejar e comparar o texto escrito (ou *script*) de uma peça teatral com sua respectiva dramatização e encenação no palco.

Para fins de apresentação na temática da 14ª edição do ENAPOL, além de apresentarmos as etapas da pesquisa até o momento, discutiremos também sobre a prática do estudo da língua oral e da variação linguística por meio do texto literário em sala de aula, não só de Martins Pena, mas também de outros escritores brasileiros. Embora em muitas escolas o estudo da linguagem seja desvinculado ao ensino da literatura, importantes pesquisadores da linguagem, tal como Dino Preti, acreditam que a linguagem na literatura não deve ser desligada do contexto histórico e nem da manifestação literária em que surge.

Grau de quantidade x grau de intensidade: evidências para duas projeções de grau distintas

Este trabalho pretende apresentar uma proposta de análise nos modificadores de proporção e dos modificadores de grau de intensidade do Guaraní Paraguaio e do Português. Para tanto, tomarei como base teórica a semântica escalar proposta em Kennedy (1999b), Kennedy & McNally (2005) e Kennedy e Levin (2008). Para esses autores, adjetivos denotam escalas de propriedade, mensuráveis em graus, e podem ser de dois tipos: escala aberta ou escala fechada. Adjetivos de escala aberta, não possuem um grau máximo de uma determinada propriedade, como ‘quente’, e adjetivos de escala fechada possuem um grau máximo da propriedade, como ‘cheio’ e por isso podem ser modificados por ‘quase’, ‘100%’ ou ‘completamente’, já que esses modificadores exigem a existência de uma escala com grau máximo para que possam modificar um adjetivo.

A hipótese lançada por este trabalho é que além de uma projeção de grau de intensidade, que é dada pela propriedade mensurável dos adjetivos, existe uma escala de quantidade, dada pela predicação dessa propriedade sobre um tema incremental. Ou seja, adjetivos como ‘maduro’ ou ‘quente’, que podem ser modificados por intensificadores de grau, possuem ainda uma escala de quantidade, que é modificada por modificadores de proporção. Assume-se também que o mesmo ocorre para verbos deadjetivais com tema incremental. A ocorrência dos dois tipos de modificação na mesma sentença é uma evidência em favor dessa análise, como mostra (1):

- (1) a. A maçã está toda muito madura.
 b. O menino sujou muito metade da sala.

Nos exemplos acima, o intensificador ‘muito’ modifica a escala de intensidade da propriedade dos adjetivos ‘maduro’ e ‘quente’ e os modificadores de proporção ‘toda’ e ‘metade de’ modificam a escala dada pelo tema incremental.

Pode-se observar que o mesmo fenômeno no Guaraní Paraguaio, com a co-ocorrência dos modificadores {-pa} e {-ite}, respectivamente ‘completamente’ e ‘muito’, com adjetivos e verbos deadjetivais.

- (2) a. Pe ao i-ky’a-pa-ite
 Essa roupa ATRIB-sujo-PA-muito
 ‘Essa roupa está completamente muito suja’
 b. Juan o-mon-gy’a-pa-ite ij-ao
 Juan 3S-CAUS-sujo-PA-muito 3POSS-roupa
 ‘Juan sujou muito a sua roupa inteira’

Portanto, assumo aqui que {-pa} é um modificador de proporção que atua apenas sobre escalas de quantidade, enquanto {-ite} é um intensificador de grau que atua sobre a escala da propriedade dada pelo adjetivo.

Bochnak (2010) e Caudal & Nicolas (2005) propõem que modificadores de proporção atuam sobre escalas de quantidade. Baseando-me nestes trabalhos, proponho aqui que ambas, escalas de intensidade e escalas de quantidade, co-ocorrem na predicação tanto no Guaraní Paraguaio quanto no Português Brasileiro. Dessa maneira, a simples ocorrência da modificação de proporção não determina se o adjetivo tem a escala fechada, como propõem Kennedy & McNally (2005), pois adjetivos de escala aberta, como ‘quente’, podem co-ocorrer com modificadores de proporção (‘100%’/‘completamente’), sem que isso acarrete um grau máximo de intensidade. Por isso, ‘a mesa está completamente quente’ não significa que a mesa está num grau máximo de “quentura”, mas que está com a sua superfície inteira quente.” Logo, o adjetivo ter escala fechada/aberta e aceitar modificação de proporção são dois parâmetros distintos.

Implicatura de ignorância de quantidade e o item ‘algum’

Lidia Lima da Silva

Orientadora: Profa. Dra. Ana Lúcia de Paula Müller

Este trabalho tem como foco o estudo do indefinido ‘algum’ no português brasileiro, doravante PB. O objetivo desta análise é estudar as propriedades semânticas e pragmáticas do item ‘algum’. Este trabalho parte do fato de que existe uma distinção entre os indefinidos ‘um’ e ‘algum’: o segundo está associado a uma implicatura de ignorância do falante em relação ao referente, ao passo que o primeiro pode ser utilizado em situações em que o falante conhece o referente. Além disso, esta proposta leva em consideração a hipótese de que o item ‘algum’ está associado à ignorância de identidade e de quantidade e de que existe um contorno entoacional associado ao ‘algum’ que força o segundo tipo de inferência. Na sentença (2), a presença do nome João é estranha, pois ao usar ‘algum aluno’ o falante implica que não sabe quem quer a resposta. O uso do item ‘algum’ é incompatível com a situação em que o falante sabe o nome do aluno. Entretanto, ‘um’ é compatível nesse caso, exemplo (1). O mesmo contraste foi observado por Kratzer & Shimoyama (2002) para os itens ‘ein’ (‘um’) e ‘irgendein’ (‘algum’). Para as autoras, ‘irgendein’, em contraste com ‘ein’, está associado à implicatura de ignorância por ser um item free choice. O efeito de ignorância é resultado da interação entre um item alargador de domínio e modalidade. Alonso-Ovalle & Menéndez-Benito (2009) discutem a distinção para ‘un’ e ‘algún’ no espanhol. Para os autores, o efeito de ignorância associado ao item ‘algún’ é uma implicatura

devida à interação entre modalidade e o fato de ‘algún’ ser um indefinido cujo domínio não pode ser unitário. Esse parece ser o caso para o PB. Em geral, em PB, quando combinado com nomes contáveis, ‘algum’ gera a implicatura de ignorância de identidade e quando combinado com nomes não contáveis, gera a implicatura de ignorância de quantidade. No exemplo (3), em uma situação em que o falante vê apenas pistas de que um menino veio, o falante implica que não sabe a identidade. Porém, em uma situação em que Maria e Pedro conversam, se Maria diz que não tinha meninos na festa, Pedro pode proferir (4) com uma entonação saliente em ‘algum menino’, implicando que, diante de tudo que Pedro sabe, pelo menos um menino foi à festa. Em (4) a entonação favorece a implicatura de ignorância de quantidade. Ao estudar as propriedades semânticas e pragmáticas dos itens ‘um’ e ‘algum’, este trabalho contribui para uma teoria preocupada com a construção de uma tipologia geral para os indefinidos.

1) Um aluno, o João, quis ver o resultado da prova.

2) #Algum aluno, o João, quis ver o resultado da prova.

3) Algum menino veio para a festa.

4) ALGUM MENINO veio para a festa.

Referências:

ALONSO-OVALLE, L. & MENÉNDEZ-BENITO, P. (2009). Modal Indefinites. In: *Natural Language Semantics*, doi: 10.1007/s11050-009-9048-4.

HASPELMATH, M. (1997). *Indefinite Pronouns*. Oxford, Oxford University Press.

KRATZER, A. & SHIMOYAMA, J. (2002). “Indeterminate Pronouns: The view from Japanese”. Trabalho apresentado na 3ª Conferência de Tóquio em Psicolinguística.

Desenho de um experimento piloto sobre percepções sociolinguísticas

Livia Oushiro

Orientador: Prof. Dr. Ronald Beline

Nos últimos 40 anos, a Sociolinguística Variacionista (Labov, 2006 [1966], 1972) tem se concentrado na análise da produção de formas linguísticas, coletadas sobretudo por meio de entrevistas sociolinguísticas. Mais raros, no entanto, são os estudos que tratam da percepção: de modo geral, os sociolinguistas assumem, ainda que a produção linguística seja heterogênea, que as diferentes formas em alternância em uma comunidade de fala são igualmente percebidas e avaliadas pelos falantes que a compõem como “corretas” ou de prestígio ou, alternativamente, como

“erradas” ou estigmatizadas. A persistência e a produtividade de formas não-padrão geralmente são explicadas através do conceito de “prestígio encoberto” (Trudgill, 1974; Chambers, 1995).

O presente trabalho tem o objetivo geral de investigar a relação entre produção e percepção linguística na constituição de identidades sociais através de usos linguísticos. Nesta comunicação, objetiva-se apresentar o desenho de um experimento piloto de percepção sociolinguística a respeito do estatuto do /r/ retroflexo, em contexto de coda silábica (p.ex. “caderno” e “porta”), na cidade de São Paulo. Mendes (2010) informa que o /r/ retroflexo é relativamente produtivo (30%) entre falantes paulistanos, nascidos e criados na cidade, sendo desfavorecido por mulheres (P.R. 0,33) e pessoas entre 35-49 anos de idade (P.R. 0,34), mais sensíveis às pressões do mercado linguístico (Bourdieu, 1991). Esses resultados parecem estar de acordo com a percepção de que o /r/ retroflexo é uma forma menos prestigiada na comunidade de fala paulistana. A sua relativa produtividade na fala de paulistanos, no entanto, sugere que sua distribuição social é mais complexa do que a simples divisão binária “urbano-caipira”.

Para o experimento de percepção, foram extraídos quatro trechos de 15-20 segundos de diferentes entrevistas sociolinguísticas (dois falantes do sexo masculino e dois do sexo feminino, todos com curso superior completo e com cerca de 30 anos) que contêm 5-7 instâncias de /r/ em coda, em diferentes contextos fônicos; esses trechos foram manipulados digitalmente, com auxílio da ferramenta “copiar e colar” do programa Praat (Boersma & Weenink, 2007), para produzir pares de estímulos para cada uma das quatro gravações; em cada par, uma gravação contém apenas tepes e a outra apenas retroflexos; os oito estímulos foram então usados em um teste matched-guise aplicado a 24 ouvintes paulistanos; cada um desses ouvintes escutou quatro gravações (uma de cada par) e preencheu um questionário sobre suas percepções a respeito de cada falante. As respostas aos questionários foram analisadas quantitativamente com o programa R (Hornik, 2011).

Os resultados indicam que os padrões de percepção linguística nem sempre seguem aqueles obtidos através de análises de produção. Além de apresentar os principais padrões de percepção verificados através dos questionários, esta comunicação discutirá algumas das vantagens e das problemáticas da manipulação de amostras de fala natural em testes de percepção do tipo matched-guise, com vistas a aprimorar a técnica e expandir sua aplicabilidade.

A Modificação de Grau no Domínio Verbal em Karitiana

Luciana Sanchez Mendes

Orientadora: Profa. Dra. Ana Lúcia de Paula Müller

O objetivo deste trabalho é investigar as operações de frequência e de grau no domínio verbal em Karitiana, uma língua indígena da família Arikém (tronco Tupi) falada hoje por aproximadamente 320 pessoas no nordeste do Brasil (cf. Storto & Vander Velden 2005). O trabalho investiga especialmente a quantificação de grau exercida pelos advérbios pitat. Esse advérbio está envolvido numa gama de interpretações ligadas a diferentes dimensões escalares como duração temporal, quantidade de vezes, e intensidade. O quadro teórico em que está inserido esta pesquisa é a Semântica Formal. Mais especificamente, este trabalho engajado numa teoria de eventos (cf. Davidson 1964, Parsons 1990) e de graus (cf. Kennedy 1999, Kennedy e MacNally 2005). Metodologicamente, fazemos uma aproximação da discussão teórica encontrada na literatura sobre o assunto com os dados da língua Karitiana. Procedemos de modo semelhante ao de Doetjes 2007 que oferece uma análise para a distinção entre advérbios de frequência e grau com base nos advérbios do francês *souvent* 'frequentemente' e *beaucoup* 'muito', respectivamente.

Embora, no trabalho da autora, a quantificação de grau pareça muito diferente da quantificação de frequência, nossa proposta é a de que elas não devem ser tratadas separadamente, uma vez que – em muitas línguas – elas são expressas pela mesma palavra. Em português, por exemplo, expressamos normalmente essas noções pela mesma palavra, 'muito'. Já em Karitiana, o advérbio pitat está usualmente envolvido em contextos de grau, mas também pode expressar frequência. O objetivo é mostrar que é possível analisar a leitura de frequência como um subtipo da leitura de grau.

Esse trabalho é relevante porque traz para o debate da literatura semântica características de uma língua indígena brasileira que podem aprimorar nosso conhecimento acerca da natureza da quantificação nas línguas humanas. Mais especificamente elucida questões acerca da distinção entre as operações de frequência e grau.

O que o casamento ‘pseudoclivadas e verbos modais’ pode revelar sobre ambos?

Marcus Lunguinho e Mariana Resenes

Orientadora: Profa. Dra. Esmeralda Vailati Negrão

Neste trabalho pretendemos examinar sentenças pseudoclivadas construídas com verbos modais, visando, com isso, discutir dois aspectos: (i) a combinação de pseudoclivadas com modais pode revelar algo sobre a estrutura desses verbos?; (ii) essa combinação também é capaz de revelar algo sobre a estrutura sintático-semântica das pseudoclivadas? O trabalho tem natureza descritivo-explicativa e toma por base a versão minimalista da Teoria de Princípios e Parâmetros. Partindo da

observação dos dados em (1-4), em que pseudoclivadas formadas com verbos de alçamento (1-2) e com verbos de controle (3-4) apresentavam resultados diferentes, procuramos examinar como os verbos modais, que tradicionalmente são ambíguos entre a interpretação epistêmica e a deôntica, se comportariam em tais construções.

- (1) O que [parece] é [que a Maria está com fome]. *parecer* – alçamento
- (2) *O que [a Maria parece] é [estar com fome].
- (3) *O que [quer] é [o João viajar]. *querer* – controle de sujeito
- (4) O que [o João quer] é [viajar].

Face à discussão existente na literatura se à ambiguidade dos modais deve corresponder uma ambiguidade sintática (Ross 1969, Klein 1968, Perlmutter 1971, Kayne 1975, Rivero 1975, Tavares de Macedo 1972, Pontes 1973, Zubizarreta 1982, Roberts 1985, Picallo 1990, Cinque 1999, Butler 2003, 2004, van Gelderen 2003, Hacquard 2006), o resultado a que chegamos quando testamos esses verbos nas pseudoclivadas é o seguinte:

- (5) O João pode nadar.
- (6) O que [o João pode] é [nadar]. (*epistêmica; ✓deôntica)
- (7) O que [pode] é [o João nadar]. (✓epistêmica; *deôntica)

Como se pode verificar em (6-7), uma sentença ambígua como (5) deixa de sê-lo quando construímos a pseudoclivada com base nela. Portanto, as pseudoclivadas parecem dar suporte a um tratamento para as diferentes leituras dos modais como resultado de diferentes estruturas sintáticas. Em pseudoclivadas cujos modais só permitem a leitura epistêmica, eles se assemelham a típicos verbos de alçamento - veja-se a semelhança entre os exemplos (1) e (7) -; já quando só admitem a leitura deôntica, eles se comportam como típicos verbos de controle – semelhanças entre (4) e (6). Resenes & Lunguinho (2011) - tomando como base a estrutura das pseudoclivadas do Português Brasileiro apresentada em Resenes (2009; 2010; 2011) e Resenes & Lunguinho (2010) - fazem uma primeira aproximação aos fatos descritos por meio de uma restrição temática sobre o constituinte que ocupa a posição de especificador de TopP. Neste trabalho tentaremos reexaminar essa restrição semântica tentando incorporá-la em uma abordagem sintática em termos da noção de Fase (Chomsky 2001, 2004, 2008). Ainda nos propomos a aplicar esse mesmo teste à classe dos verbos aspectuais, uma vez que esses verbos também têm sido tratados como verbos ambíguos entre projetarem uma estrutura de controle e outra de alçamento (Perlmutter 1971, Burzio 1986, Schroten 1986, Lamiroy 1987, Alexiadou & Anagnostopoulou 1999, Wurmbrand 2001, Landau 2003, Martins & Nunes 2005, Fukuda 2009, Kapetangianni 2010).

Sobre a seleção do auxiliar no Português Arcaico

Marcus Vinicius Lunguinho

O Português Arcaico exhibe o seguinte padrão de uso de auxiliares em construções de tempo composto:

- (1) “tornelhy a soldada dubrada daquel ano se a recebeo. E se a não *ouue recebuda* de lhy outro tão” (Século XIII, Foro Real).
- (2) “Se algũ d(e)mandar outro en iuyzo e o demandador lhy *teu(er) forçado* algũa cousa, ben se pod(e) deffender de lly não responder” (Século XIII, Foro Real).
- (3) “esta Sancha gil que Auja bem sejs Anos que *era passada*” (Século XIV, Documento Notarial - Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho).

Nas sentenças cujo verbo principal é transitivo, os auxiliares usados com o particípio são *haver/ter* e, nas sentenças cujo verbo principal é *inacusativo*, o auxiliar utilizado é *ser*. Esse fenômeno de alternância de auxiliares em construções perifrásticas é denominado de seleção de auxiliar (MacFadden 2007). Meu objetivo neste trabalho é analisar o mecanismo de seleção de auxiliares em Português Arcaico. Para tanto, duas são as questões o norteiam:

- a) Que fatores regem a seleção de auxiliar no Português Arcaico?
- b) Como se dá a derivação das sentenças perifrásticas em Português Arcaico?

Para responder a primeira pergunta, a análise superficial dos dados nos leva a propor que a seleção de auxiliar do Português Arcaico é sensível à estrutura argumental do particípio (D’Alessandro & Roberts 2010). A resposta para a segunda questão começa com a discussão da natureza dos particípios que, vou assumir, serem VPs participiais de natureza passiva (Ackema 2000) que servem complemento de um *v* auxiliar *ser*. Proponho que *haver/ter* sejam analisados como “auxiliares transitivos” (Hoekstra 1984, 1994, 1996; Lois 1990; den Dikken 1994), que resultam da interação de *ser* com o núcleo funcional Voice, que introduz o argumento externo e valora Caso Acusativo (Chomsky 1995, Kratzer 1996). Dessa forma, *haver/ter* são tratados como verbos derivados (Kayne 1993; Kempchinsky 1996 e Torrego 2002), que resultam de uma relação local entre *ser* e Voice, a saber, adjacência (Bobaljik 1994). Em predicados *inacusativos*, não há a projeção de Voice, resultando disso que o único auxiliar usado nesses casos é *ser*. Com isso, chego à conclusão geral de que o que está por trás da seleção de auxiliares no Português Arcaico são restrições de localidade. Essa análise é expandida para a derivação das passivas:

- (4) “Atan taste *sejan* per ti *connoçudos* / Teus pecados” (...) (Século XIII, Cantigas de Santa Maria)

Adotando uma variante da proposta de Collins (2005), proponho que nas passivas ocorre o inverso do que ocorre nas ativas: o argumento interno de Voice é um DP e o argumento externo é o complexo [*ser*-particípio]. Como *ser* e o núcleo Voice não estão em relação de adjacência, o

auxiliar continua sendo *ser*. O núcleo *Voice*, por sua vez, é realizado como a preposição *de/por*, atribuidora de Caso ao agente da passiva. Este trabalho abre uma nova perspectiva de tratamento dos diferentes auxiliares do Português Arcaico ao considerá-los não como primitivos sintáticos, mas como o resultado de restrições de localidade na interação entre os núcleos funcionais presentes no decurso da derivação.

A autobiografia no Brasil: entre o sensível e o inteligível

Mariana Luz Pessoa de Barros

Orientadora: Profa. Dra. Norma Discini

Com base na teoria semiótica de origem francesa e em seus desdobramentos tensivos, são analisadas as relações entre a memória e os contratos veridictórios em diferentes gêneros autobiográficos produzidos no Brasil, como as autobiografias literárias em prosa, os poemas de caráter autobiográfico e os memoriais acadêmicos. O objetivo deste trabalho é examinar as formas de adesão do enunciatário aos discursos, uma vez que, em cada gênero e mesmo em cada texto, o enunciador, ao relatar retrospectivamente a sua vida, regulamenta de forma singular a entrada das grandezas no campo de presença do enunciatário. A análise do corpus permite propor duas formas discursivas de construção da memória: a memória do acontecido e a memória acontecimento. No memorial acadêmico, observa-se a dominância da memória do acontecido: o enunciador “comprova” suas competências para a pesquisa e a docência ao examinar seu passado de forma distanciada e minuciosa, conforme confirmam o amplo emprego dos antropônimos, cronônimos e topônimos, a presença fraca de um léxico que expressa emoção, a preferência por certas formas verbais, como o pretérito perfeito, que apresenta os eventos a partir de um ponto de vista externo, em oposição ao imperfeito, entre outros elementos. Assumindo o papel do cientista, o enunciador dos memoriais busca as regularidades escondidas sob o caos aparente. Ele “captura” seu enunciatário por meio de estratégias mais da ordem do inteligível. Já na poesia de caráter autobiográfico, prevalece a memória acontecimento, que irrompe o presente da narração, fundindo tempos, espaços, atores. Não é apenas o passado que vem à tona nos poemas, mas a presença de um sujeito nesse passado. Suas sensações e emoções são revividas na linguagem. É este o domínio da experiência sensível. Os diversos gêneros que compõem o corpus desta pesquisa podem, então, ser organizados num gradiente que tem num de seus extremos os memoriais acadêmicos e, no outro, os poemas de caráter autobiográfico. As autobiografias literárias em prosa encontram-se entre as duas pontas, ora tendendo mais para uma, ora para a outra.

O tempo rubato a partir do noturno OP. 15 N. 3 de Chopin: uma escuta tensiva

Marina Maluli César

Orientador: Prof. Dr. Luiz Augusto de Moraes Tatit

Em um primeiro momento, a semiótica de linha greimasiana desenvolveu-se em torno dos mecanismos responsáveis pela ação, voltando-se para a narratividade, assim como para análise de conteúdos discretos e binários. Aos poucos, foi possível notar um deslocamento a partir da teoria das modalizações do fazer para o ser, priorizando o universo afetivo. Esta nova abordagem possibilitou o desenvolvimento de diversas vertentes teóricas dentre as quais destacamos a da semiótica tensiva, presente em autores como Jacques Fontanille e Claude Zilberberg. Para a semiótica de linha tensiva conteúdos sensíveis passam para o primeiro plano, possibilitando o estudo de fenômenos discursivos que envolvam o contínuo. Dentro destes estudos já foram feitas algumas aproximações com vistas a determinar os fluxos tensivo-fóricos que residem na base do percurso gerativo. A partir deste ponto pode-se considerar que há uma espécie de “musicalização da semiótica” no sentido de que conceitos como ritmo, valência, vetor e percepção adquirem papel de destaque.

A música é uma arte que se desenvolve no tempo, sendo assim, mudanças no ritmo e no andamento promovem também alterações no sentido de uma composição. Além disso considera-se que dentre as manifestações artísticas a música instrumental é uma das que necessitam de um intérprete, ou seja, um intermediador entre o autor da obra (compositor) e o ouvinte e que este intérprete tem como um dos parâmetros para realização da obra as indicações de andamento e ritmo presentes em um partitura.

Tendo em vista o cenário acima delineado, o objetivo geral desta pesquisa é estudar as modificações ocorridas no sentido de uma obra musical, levando em conta o seu aspecto interpretativo. Em particular serão analisadas as mudanças ocorridas em decorrência das variações de andamento obtidas em diferentes interpretações a partir das indicações feitas pelo compositor. Acredita-se que a realização de uma escuta tensiva, possibilita aplicação de uma ferramenta teórica a um tipo de discurso fundamentado na interação entre o som e o tempo, que pode ser considerado um aspecto fundamental na produção do sentido. Além disso questões como a escolha de um instrumento musical específico para a realização de um discurso assim como do papel do gesto na interpretação musical também podem ser levantadas com vistas a determinar aspectos conotativos da música.

Como base para este estudo serão consideradas duas possibilidades de interpretação para o noturno Op. 15 no.3 de Frédéric Chopin. Uma delas será obtida a partir do software Timidity que realiza conversão em WAVE sobre um arquivo MIDI. A segunda interpretação consta de uma

gravação da pianista Guiomar Novaes. O motivo de comparação entre estas duas interpretações é que na primeira as variações agógicas estão praticamente ausentes, o que cria um efeito de sentido que exclui o sujeito da enunciação. Na segunda as possibilidades de interpretação sobre indicações dadas pelo compositor tais como *accel*, *ritenutos*, *rall*, tempo *rubato*, *fermatas*, indicações de respiração e fraseado são consideradas pelo intérprete. A partir daí pode-se observar a criação de um sentido que leva em consideração aspectos temporais, tornando possível uma semiótica musical.

Restrição aberta de domínio e quantificação universal em um dialeto da língua

Kaingang

Michel Platiny Assis Navarro

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Ferreira

Nesta apresentação, sugeriremos, num primeiro momento, que o determinante definido D no Kaingang Paranaense pode ter por função restringir o domínio do quantificador universal. Em Giannakidou 2003, Etxeberria 2005 e Etxeberria & Giannakidou 2009, são apresentadas evidências de que em Grego e Basco a restrição de domínio é realizada abertamente. A restrição de domínio para os quantificadores nessas línguas ocorre via aplicação de D sobre um Qdet. Do mesmo modo, há evidências de que a restrição contextual de domínio no Kaingang Paranaense também ocorreria quando D se encontra em uma posição sintática em que ele é forçado a tomar um quantificador como seu argumento. De maneira que no Kaingang Paranaense, como no Grego e no Basco, a restrição de domínio não se aplicaria somente a um argumento nominal, mas também a Q, fornecendo uma variável contextual C cujo valor seria um conjunto saliente no discurso. Contudo, num segundo momento da apresentação, mostraremos algumas contra-evidências que parecem sugerir que no Kaingang Paranaense o universal *kar* (todos) se comporta mais como um modificador, à la a proposta de Brisson para *all* do Inglês, i.e., não tem uma força quantificacional própria e sua única função é de desfazer a não maximalidade de um conjunto-domínio C saliente no contexto. Assim, no Kaingang Paranaense D não operaria sobre um Q-det, como em Basco e Grego, mas sim sobre um NP que abrigaria o modificador *kar*. Se este for o caso, o determinante definido D no Kaingang Paranaense, em contextos em que ele co-ocorre com *kar*, não perderia a sua função iota para funcionar meramente como um operador preservador de tipo e restritor de domínio adjungido a uma projeção Q-det, como proposto por Giannakidou 2003, Etxeberria 2005 e Etxeberria & Giannakidou 2009 para o Basco e o Grego. D continuaria sendo um artigo definido clássico ocupando o núcleo de uma projeção DP. Nesta apresentação, entretanto, ainda não nos

posicionaremos em favor de nenhuma das duas hipóteses, pois nossa investigação ainda está em andamento e novas evidências podem ainda surgir em suporte de qualquer uma das duas hipóteses.

O papel metodológico da forma em uma epistemologia empírico-dedutiva

Paula Martins de Souza

Orientador: Prof. Dr. Waldir Beividas

O domínio de nossa investigação encontra-se situado no nível de análise epistemológico, buscando recuperar a proposta de Louis Hjelmslev, que consiste na defesa de uma metodologia que seja “empírico-dedutiva”. Tal configuração epistemológica assume o primado da relação em detrimento de classes que antecedam a análise, de tal maneira que os dados observados possam ser articulados - isto é, deduzidos - de acordo com a melhor economia para determinado campo de investigação. A generalidade do modelo hjelmsleviano, pautada no exame das relações de qualquer natureza, e em qualquer nível de análise (seja epistemológico, metodológico ou analítico) parece ser ideal para a investigação de nosso objeto, que consiste nos estudos de interface entre a semiótica da Escola de Paris e a psicanálise Freudolacanianiana. Ao mesmo tempo, aquilo que o mestre dinamarquês chamou de “princípio de empirismo” possibilita a avaliação da economia real que se pode depreender de tal interface, posto que tal princípio prevê que uma teoria deve ser não-contraditória, o mais exaustiva e o mais simples possível, sendo que a não contradição prevalece sobre a exaustividade, e esta prevalece sobre a simplicidade, de tal modo que, caso haja duas teorias que sejam não-contraditórias e exaustivas, só será considerada legítima aquela que seja a mais simples. Munidos de tais premissas, nosso esforço vai no sentido de combater uma mirada inocente em relação à possibilidade de interface proposta. Isto é, não basta que haja possibilidades de interface entre as disciplinas, mas cumpre que tal interface resulte em uma economia mais razoável do que aquelas das teorias que a engendraram. Não obstante aos cuidados que nos esforçamos por tomar, nossa proposta esbarra, por uma lado, naquilo que podemos nomear de “estigma” do estruturalismo. Em detrimento da abertura à transcendência que tentamos defender na obra de Hjelmslev, não podemos ignorar o mau-humor que se nota diante da severidade e aparente inflexibilidade que um modelo pautado em definições, como é o do mestre dinamarquês, impõe. De fato, a sua tentativa de estabelecer uma forma que não seja uma fôrma leva a graus de abstração cuja apreensão é deveras trabalhosa. Por outro lado, a negativa de um fechamento das categorias de análise em definições, negativa esta imposta pelas coerções do objeto “inconsciente”, é inaceitável para os estruturalistas. No primeiro momento de nossa investigação, cumpre esclarecer em que consiste a forma na teoria da linguagem do mestre dinamarquês, tentando demonstrar que as

articulações previstas por seu modelo, longe de servir de fôrma aos dados de análise, permite, em sua amplidão, valorar os objetos mais díspares através da constituição de uma só metalinguagem.

Discutindo a composicionalidade na formação de diminutivos e aumentativos do Português Brasileiro

Paula Roberta Gabbai Armelin

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Scher

Inserido no contexto dos estudos a respeito da formação de palavras, este trabalho traz um olhar sintático para dados de aumentativos e diminutivos do Português do Brasil, doravante PB. Mais especificamente, voltaremos para pares de dados, tais como (i) caipira > caipirinha/ sapo > sapinho e (ii) porta > portão/ caminho > caminhão, buscando verificar se – e em que medida – o caráter composicional/ não-composicional dessas formações pode fornecer pistas sobre o estatuto morfossintático dos formadores mais produtivos de diminutivos (-inho/ -zinho) e aumentativos (-ão/zão) no PB. Nesse sentido, será também necessário verificar três interações importantes: (i) entre os marcadores de diminutivos (caipirinhazinha); (ii) entre os marcadores de aumentativo (caminhãozão) e (iii) entre os marcadores de diminutivo e aumentativo (*caipirinhona/ caminhãozinho). Tais interações podem ser um importante indicador da posição estrutural que tais elementos ocupam no PB.

Para tanto, apoiamos-nos em um dos recentes desenvolvimentos da Gramática Gerativa, conhecido como Morfologia Distribuída (Halle & Marantz, 1993). Nesse modelo, palavras e sintagmas são formados no mesmo componente e pelos mesmos mecanismos. Dentro desse quadro, o maquinário do que tradicionalmente tem sido chamado de morfologia não ocorre em um único componente, mas está dividido em três componentes diferentes. A formação de palavras passa, então, a ser entendida como a criação de núcleos complexos, através de operações da própria sintaxe, tais como movimento de núcleo e adjunção. Os átomos de representação morfossintática, nesse modelo, são os próprios morfemas, definidos como nós terminais sintáticos, mas sem conter ainda a expressão fonológica desses nós.

Mais especificamente, apoiamos-nos na proposta de De Belder, Faust & Lamptielli (2009) de que, translinguisticamente, os diminutivos aparecem em dois diferentes sabores, guiados pelo sentido composicional ou não-composicional da palavra formada. O argumento central dos autores é que a distinção entre os dois diminutivos pode ser capturada em termos de estrutura sintática. Mais especificamente, eles propõem haver duas posições sintáticas diferentes para o diminutivo. A primeira é parte do domínio funcional e está situada entre o núcleo de categorização e a projeção

responsável pela marcação de número, enquanto a segunda posição disponível se concatena diretamente com a raiz, abaixo do núcleo categorizador e será chamada de LexP. Este trabalho pretende, portanto, (i) contribuir para os estudos a respeito da formação de palavras, atentando, em especial, para a interface entre a morfologia e a sintaxe e (ii) verificar se – e em que medida – o caráter ora composicional, ora não-composicional dessas formações pode fornecer pistas do comportamento morfossintático dos formadores de diminutivos e aumentativos no PB.

Elementos da sátira menipeia em “A igreja do Diabo”, de Machado de Assis

Paulo Sérgio de Proença

Orientadora: Prof. Dr. Izidoro Blikstein

A obra de Machado de Assis, por causa de sua riqueza ficcional, tem sido analisada por diversas motivações e princípios teóricos. Pretende-se fazer análise do conto “A igreja do Diabo” a partir de contribuições teóricas da sátira, mais precisamente da anatomia. Algumas características da sátira podem contribuir de forma significativa para entendermos os escritos do autor fluminense, pois ele foi leitor criterioso de Luciano de Samosata, principal representante da tradição conhecida como sátira menipeia. Particularmente, a anatomia explora, pesquisa e clarifica uma ideia. – opera uma dissecação, por contaminação do sentido do termo emprestado à medicina. A anatomia está mais próxima de investigação do que de conclusão. Convém a propostas não dogmáticas de interpretação da realidade.

O recurso metodológico se constituirá de análise dos principais elementos da sátira, principalmente anatomia, no corpus indicado. Nele, o recurso da sátira é mais expressivo por conta dos empréstimos bíblicos que recheiam a sua estrutura, em que o Diabo apresenta o seu evangelho em contraposição ao evangelho de Deus. Os vícios (pecados) da igreja de Deus são apresentados como o máximo da virtude na igreja do Diabo. O processo de persuasão que converte vícios em virtudes é sustentado por um percurso anatômico que borra os limites entre o bem e o mal, com a correspondente suspensão de juízos morais emitidos pela religião ou pelo senso comum: tanto a virtude quanto o vício moram na alma humana, daí a contradição eterna, resultado de forças antagônicas que atuam nos seres humanos.

Em adição, pode-se dizer que a presença da sátira menipeia identifica-se em outras características importantes dos narradores machadianos, como a liberdade na construção de enredos, o ponto de vista distanciado, o uso de citações truncadas, para citar alguns apenas.

A expressiva presença da intertextualidade bíblica eleva ao máximo realce o contraste entre vícios e virtudes, uma vez que está em jogo o fundamento religioso e cultural sobre o qual se sustenta o mundo ocidental.

Negação verbal na fala paulistana: envelopes de variação

Rafael Stoppa Rocha

Orientador: Prof. Dr. Ronald Beline Mendes

Este trabalho tem por objetivo discutir a definição do envelope de variação na estrutura da negação verbal, na variedade paulistana falada. Em PB, parecem ser basicamente três as estruturas da negação: a negação pré-verbal (NEG1), a negação “redundante” (NEG2), em que o advérbio é realizado antes e depois do verbo, e a negação pós-verbal (NEG3). Neste estudo, serão focalizadas as variantes NEG1 e NEG2, uma vez que NEG3 parece não estar associada à fala paulistana. De fato, a negação pós-verbal é comumente associada às variedades do PB localizadas mais ao norte do Brasil (Ramalho, 1998); pesquisas que tratam de NEG2 e NEG3 reportam-se geralmente a falares nordestinos (Marroquim, 1945; Cavalcante, 2007). A amostra utilizada neste trabalho é um subconjunto de 12 entrevistas - parte de um *corpus* maior, organizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Sociolinguística da USP; seus informantes são paulistanos estratificados de acordo com sua idade, gênero e escolaridade.

De acordo com Schwenter (2005), essas três estruturas de negação estão submetidas a dinâmicas discursivo-pragmáticas durante a fala e não se definem como variantes de uma variável (ou seja, não parecem ser intercambiáveis entre si num mesmo contexto). Por outro lado, o autor considera que estudar NEG2 e NEG3 com base na noção de ênfase (uma explicação comum para o emprego dessas duas estruturas) não explica efetivamente os contextos em que cada variante pode ou não ocorrer, levando-o, então, a definir tais contextos em seu trabalho.

A fim de verificar se, no português falado em São Paulo, essas estruturas podem estar sendo empregadas como variantes de uma variável, este estudo se pauta no modelo de Schwenter (2005), mas questiona sua conclusão acerca da invariabilidade. Para ele, NEG2 ocorreria a partir de proposições contextualmente ativadas ou inferidas, ou diretamente ativadas – e NEG 3 apenas neste último caso. Dessa forma, informações novas possibilitariam o uso de NEG1, NEG2 e NEG3; por outro lado, dependeriam de uma ativação da proposição a ser negada.

De fato, este trabalho argumentará, através de análises qualitativas dessas estruturas, a favor do tratamento como variantes, organizadas em duas variáveis: (a) NEG1 ou NEG2 em casos de proposições contextualmente ativadas ou inferidas ou diretamente ativadas; e (b) NEG1, NEG2 ou

NEG3, nos casos de proposições diretamente ativadas. Em outras palavras, as análises qualitativas preliminares que este trabalho oferece se prestam a testar as hipóteses de Schwenter (2005) e a definir envelope(s) de variação para um ulterior estudo quantitativo da negação verbal no português paulistano.

Um estudo sobre os construtores de espaços mentais de tempo em uma narrativa contada em libras

Renata Lúcia Moreira

Orientadora: Profa. Dra. Evani Viotti

O objetivo deste trabalho é apresentar um estudo feito sobre a estruturação do tempo em uma narrativa contada em libras. A ideia é mostrar, com base na teoria de integração de espaços mentais (Fauconnier e Turner 2002), como são estabelecidas as relações temporais, identificar os construtores de espaços e os mecanismos lexicais, gramaticais ou pragmáticos usados na instauração do tempo em uma história narrada em uma língua como a libras, que não apresenta desinências verbais de tempo.

Segundo a teoria de espaços mentais (Fauconnier, 1994, Fauconnier & Turner, 2002), as narrativas nas línguas naturais são estruturadas cognitivamente por meio de espaços mentais e da integração desses espaços. Esses espaços mentais não se restringem à atividade verbal e não dependem apenas das realizações linguísticas. À medida que um discurso é processado, novos espaços mentais podem ser construídos e desencadeados pelos chamados *construtores de espaço* (nem sempre linguísticos), pelos marcadores gramaticais tais como tempo e modo, ou por informações pragmáticas. Segundo Azevedo (2006), os espaços mentais que estruturam uma narrativa oral se organizam em grandes domínios discursivos: domínio do evento narrativo (figura); domínio do suporte (fundo) e o domínio da encenação (discurso direto). Cada um desses domínios possui um material linguístico específico e tem a possibilidade de se interconectar. A proposta do estudo de Azevedo é de mostrar que o sistema temporal de uma narrativa reflete uma organização perceptual dos eventos narrados, em consonância com o que propõem Labov e Waletzky (1967).

Como as línguas de sinais não têm desinências verbais de tempo, e como nem sempre são usados advérbios de tempo para a construção de espaços temporais diferentes daquele da enunciação, o modelo proposto por Azevedo para o estudo de narrativas orais parece particularmente interessante para o tratamento da estruturação temporal de línguas como as línguas de sinais, que possuem uma gramática cinemática (McCleary & Viotti, 2010), e que contam, na

construção dos seus textos, com recursos da linguagem cinematográfica (*flashback*, *flashforward*, *zoom*, etc.).

O estudo que será apresentado neste trabalho baseou-se em uma narrativa contada por um surdo fluente em libras, eliciada a partir de uma história em quadrinhos sem fala. Os dados dessa narrativa estão transcritos no ELAN (EUDICO *Language Annotator*), seguindo o modelo de transcrição proposto em McCleary, Viotti & Leite (2010). O estudo mostra que, apesar da falta de marcas de tempo nos verbos, as relações que se estabelecem entre os espaços mentais ou entre os domínios discursivos da narrativa analisada indicam as estratégias de estruturação de tempo que são características da libras.

A Prosódia das Palavras Compostas do Idioma Japonês

Renata do Amaral Teixeira Rêde

Orientador: Prof. Dr. Paulo Chagas de Souza

O acento do japonês diverge bastante do acento do português, do inglês e de outros idiomas de acento tipo *stress* (Beckman, 1986). O japonês é uma língua de acento tonal, também conhecido como *pitch accent*, em que há uma melodia tonal associada a cada palavra no léxico e uma mora pode ser distinguida das demais, recebendo o acento. Nesse tipo de língua, não há a possibilidade de haver acentos secundários, além disso, a única forma de diferenciar as sílabas é a altura, e não a amplitude e duração (Ota, 2003:364).

O acento tonal dos nomes é determinado lexicalmente, por isso, sua localização não pode ser prevista por regra. Entretanto, segundo McCawley (1965:139), para descobrir o molde tonal, basta indicar qual é a sílaba acentuada, pois o local do acento corresponde à mora anterior à queda tonal e, de acordo com Gussenhoven (2004:38), o termo “acento” é usado para se referir ao lugar em que o tom será inserido, no caso do japonês, o H*. A variedade do japonês estudada aqui é a considerada padrão, o japonês de Tóquio, que possui um sistema tonal de acentuação n+1, ou seja, uma palavra com n moras pode possuir n+1 tipos de acento. Esse padrão se deve ao fato de que nessa variedade, cada palavra pode não ter acento ou ter um único acento, ou seja, existem palavras acentuadas e não-acentuadas. O acento tonal do japonês de Tóquio é realizado como uma sequência pre-determinada H*L e pode estar localizado em qualquer uma das moras da palavra (Haraguchi, 2001:5).

Apesar de não se poder prever o acento dos nomes, quando ligados a alguns tipos de enclíticos, como o honorífico ‘o’, o acento pode se deslocar de forma calculada (Haraguchi, 2001:9).

Dessa forma, após compreendermos as regras de colocação de acento em vocábulos simples e clíticos, voltaremos nossa atenção para as palavras compostas. Levando em conta que os compostos só devem manter um acento, pretendemos considerar as diferentes análises de McCawley(1965), Kubozono (2001) e Oostendorp (2009), e procurar algumas hipóteses que expliquem as diferentes colocações do acento.

Posições-A e posições-A': a flutuação de quantificadores no português brasileiro e no espanhol

Renato César Lacerda Ferreira

Orientador: Prof. Dr. Jairo Nunes

Assumindo com Valmala Elguea (2008) que a flutuação de quantificadores emprega movimentos "informacionais" (focalização e topicalização), argumento que as possibilidades de flutuação em português brasileiro e em espanhol resultam da interação entre a estrutura interna das expressões quantificadas, Minimalidade Relativizada e a cartografia de posições-A e posições-A' da sentença. Valmala Elguea, em sua análise para o espanhol, propõe que a separação entre o quantificador e seu "associado" (o elemento quantificado) acontece quando seus valores informacionais não são coincidentes, ou seja, quando há um desencontro (mismatch) de seus valores de tópico, foco ou neutro — ou seja, a flutuação não ocorre se o quantificador e o associado apresentarem o mesmo valor informacional.

Seguindo a proposta de Shlonsky (1991) de que os quantificadores são núcleos funcionais independentes, projetando QPs, venho argumentando (Lacerda 2011) que o quantificador CADA não pode flutuar porque domina o seu NP complemento, enquanto sua versão CADA UM é flutuante porque seu DP associado é um adjunto, e portanto não é dominado pelo QP:

- (1) *Menino¹ comeu [QP cada t¹] dois bolos.
- (2) [Os meninos]¹ comeram [QP [QP CADA UM] t¹] dois bolos.

O quantificador TODOS, embora domine seu DP complemento, pode se separar de seu associado sem violar Minimalidade Relativizada. Observe (3):

- (3) a. Os alunos fizeram TODOS a prova.
- b. [T¹ fizeram² [FocP [QP todos [DP os alunos]]¹ [vP t¹ t² a prova]]
- c. [TP [DP os alunos]³ fizeram² [FocP [QP todos t³] [vP t² a prova]]]

Em (3b), o DP ainda não foi licenciado (o português brasileiro não admite sujeitos pós-verbais), e portanto o DP deve se mover para Spec,TP para checar Caso nominativo. Como o QP já

está licenciado na periferia baixa, em uma posição A', ele não intervém no movimento-A realizado pelo DP.

Contrastes entre o português brasileiro e o espanhol surgem na medida em que suas periferias informacionais e o licenciamento de sujeitos não se comportam da mesma maneira nas duas línguas. Por exemplo, o espanhol permite que o quantificador TODOS relacionado ao sujeito apareça à direita do complemento verbal, enquanto tal opção é excluída no português brasileiro:

- (4) a. [Los estudiantes]¹ han leído dos libros todos †¹
b. *[Os alunos]¹ leram dois livros todos †¹

Como a posição de sujeito pré-verbal é A' em espanhol (cf. Ordóñez 2007) e A em português brasileiro, o DP associado pode cruzar o quantificador em espanhol, que está numa posição A (a saber, Spec,vP). Em português brasileiro, o EPP requer um movimento-A, e o candidato mais próximo para tal movimento é o QP — assim, o movimento do DP viola Minimalidade Relativizada e a sentença é corretamente excluída. Em suma, uma vez que a cartografia A e A' das duas línguas não é a mesma, diferentes possibilidades de flutuação surgirão para checar os traços informacionais e de Caso dos elementos nominais/quantificacionais presentes na sentença.

As ocorrências de perífrases continuativas em PB

Roberlei Bertucci

Orientadora: Profa. Dra. Ana Müller

A partir dos dados do português brasileiro, este trabalho tem como objetivo principal descrever os ambientes em que ocorrem as perífrases estar+gerúndio, continuar + gerúndio e seguir + gerúndio, em casos como os mostrados em (1).

- (1) a. Pedro está estudando.
b. Pedro continua estudando.
c. Pedro segue estudando.

Vamos partir da ideia de continuidade e fase, presentes em autores como Cavalli (2008) e Laca (2002; 2004) e vamos mostrar que essas perífrases contribuem para a expressão de diferentes tipos de aspecto: o aspecto gramatical e o aspecto lexical. Nossa pretensão é mostrar que os predicados formados com continuar + gerúndio e seguir + gerúndio pressupõem que a situação descrita já acontecia antes do momento de referência (cf. Laca 2002), o que não ocorre necessariamente com a perífrase estar+gerúndio, como se observa nos dados a seguir.

- (2) a. Nesse momento, Pedro continua estudando.
b. Nesse momento, Pedro segue estudando.
c. Nesse momento, Pedro está estudando.

Diferente da sentença em (2c), aquelas dadas em (2a) e (2b) carregam a pressuposição de que a situação de Pedro estudar acontecia antes do momento de tópico, que nos casos em (2) é dado pelo sintagma nesse momento.

Outro fato a ser observado: apenas a perífrase de aspecto progressivo (estar + gerúndio) é compatível com predicados que denotam eventualidades achievements, indicando uma situação iminente, como se vê nos casos a seguir.

- (3) a. Pedro está chegando.
b. *Pedro continua/segue chegando.

A sentença em (3a) indica que a chegada de Pedro é um fato iminente, prestes a acontecer. A construção em (3b) não é bem formada em português brasileiro e isso deve estar relacionado à restrição de seleção que os verbos continuar e seguir impõem a seus complementos, fato que pretendemos mostrar com mais detalhes no trabalho. A contribuição deste trabalho reside, portanto, no fato de descrever os ambientes de ocorrência das perífrases em questão e tentar encaminhar uma análise que dê conta da semântica dessas construções em português brasileiro.

Santo Tomás versus Holguín – uma polêmica quanto à descrição do nome quéchua

Roberta Ragi

Orientadora: Profa. Dra. Cristina Altman

A primeira gramática produzida sobre a língua quéchua foi publicada em 1560 pelo dominicano Domingo de Santo Tomás (1499-1570), em Valladolid, após 10 anos de atividades ininterruptas do missionário entre os nativos peruanos. A esse primeiro trabalho linguístico, seguiram-se outros - como a gramática anônima de 1586, decorrente das diretrizes do Terceiro Concílio Limenho (1582-1583), dirigido pelo jesuíta José de Acosta (1539-1600), e a gramática de Diego González Holguín (1560-1620) - num total de oito textos gramaticais produzidos sobre a língua geral andina entre os séculos XVI e XVII.

Observa-se, nas gramáticas quéchuas desse período, uma marcante regularidade no que diz respeito à descrição do caso dos nomes substantivos, compreendido, desde Santo Tomás, como caso dado sem declinação, mediante o uso das posposições. Para Santo Tomás, o nome quéchua não sofre flexão de caso: são as posposições as responsáveis por garantir, ao nome, esse tipo de variação

específica, a exemplo do que se verifica com o Espanhol, tomado o modelo da Gramática de la Lengua Castellana (1492) de Antonio de Nebrija (1444-1522). González Holguín (1607) é o único autor a estabelecer um discurso polêmico com o dominicano e a propor uma descrição alternativa, para o caso dos nomes substantivos, descrição essa, em linhas gerais, bastante mais aproximada das interpretações empreendidas por quechuístas contemporâneos. Da perspectiva de Holguín, o nome substantivo sofre efetiva declinação casual, dada por partículas específicas. As posposições, chamadas preferencialmente de preposições, nesse contexto, garantem apenas o caso genitivo e ablativo.

O objetivo deste trabalho é estabelecer uma comparação dessas duas estratégias descritivas, buscando reconhecer e examinar a sistematização própria que enquadra cada um desses repertórios metalinguísticos: como se concebe a declinação do nome substantivo nos dois contextos? qual o estatuto das posposições, em decorrência da flexão ou não do nome quéchua? como se formalizam, na polêmica, os deslizamentos metalinguísticos necessários à contestação descritiva de Holguín? A metodologia que fundamenta esta análise comparativa integra aquela fixada pelo projeto Documenta Grammaticae et Historiae: Projeto de Documentação Linguística e Historiográfica (CEDOCH/DL-USP – CNPq). O Documenta prevê a construção e disponibilização de corpora representativos da tradição gramatical ibérica e sul-americana, entre os séculos XVI e XIX, e a elaboração de dicionário de metatermos gramaticais empregados nesse contexto.

A investigação aqui proposta busca, portanto, contribuir para a reflexão sobre a emergência e o desenvolvimento da metalinguagem gramatical quéchua no quadro teórico-metodológico da Historiografia Linguística.

Análise contrastiva do sistema verbal do português brasileiro e do árabe

Samira

Orientadora: Profa. Dra. Rosane de Sá Amado

Como os estudos linguísticos entre o árabe e o português ainda são insuficientes para o desenvolvimento de materiais de ensino de língua portuguesa para árabes, torna-se importante o desenvolvimento de estudos comparativos entre as duas línguas. A falta de pesquisas nesta área afeta o intercâmbio acadêmico, bem como a chegada do português brasileiro até os países árabes e o acesso à língua árabe para os brasileiros. A ampliação das pesquisas nesta área propiciará a possibilidade de criação de núcleos de estudos brasileiros nos países árabes e de estudos árabes no Brasil e, com isso, aumentarão a compreensão e o diálogo entre as duas culturas. É importante fortalecer as trocas culturais entre estes mundos devido ao contexto mundial atual, em razão das

amplas oportunidades de negócios entre Brasil e países árabes, e, ainda, pela importância de se aproveitar os fortes laços já existentes.

Esta pesquisa será realizada a partir de uma perspectiva linguística com o intuito de servir de base para o ensino-aprendizagem de português brasileiro como língua estrangeira nos países árabes. Desenvolveremos este estudo dentro do escopo da Linguística Contrastiva que, segundo Vandresen (1988, p. 75), destacaria similaridades e diferenças estruturais entre a língua materna e a língua estrangeira, objeto de estudos. Visa principalmente delinear, com precisão, as estruturas que oferecem problemas de aprendizagem e as que apresentam facilidades das questões problemáticas na análise contrastiva entre o sistema verbal do português brasileiro e o do árabe existem, por exemplo, a derivação verbal entre árabe (de raiz de três letras) e o português brasileiro, o verbo dual em árabe, a relação sujeito e verbo, o desdobramento do verbo ser em árabe nos dois verbos portugueses ser/estar e a sua frequência de uso em árabe e em português, o gênero na conjugação do verbo em árabe, o infinitivo em árabe e em português, o infinitivo pessoal em português como forma verbal nova para os falantes de árabe, entre outros.

O objetivo desta comunicação será apresentar resultados preliminares da nossa análise contrastiva de semelhanças e diferenças entre algumas características do sistema verbal do árabe e o do português para explorar possíveis marcas problemáticas na aprendizagem do português brasileiro por parte do falante de língua árabe. Espera-se, com esta pesquisa, estudar a formação dos verbos e da sua sintaxe, a sua estruturação e o seu funcionamento nas orações.

A enunciação passional do crer na prática católica

Sueli Maria Ramos da Silva

Orientadora: Profa. Dra. Norma Discini de Campos

As relações entre enunciação e paixão têm sido exploradas de diversas perspectivas na semiótica francesa. Assim, com base na fundamentação teórica oferecida pela semiótica greimasiana tomada, sobretudo, no que diz respeito ao exame da dimensão passional do discurso e da noção de “práticas semióticas” (Fontanille, 2006, 2008), procuramos, como objetivo específico deste trabalho, examinar os mecanismos de produção do efeito de sentido afetivo ou passional, depreensível da prática religiosa católica do sacramento da confissão, sinal de comunhão e de reintegração entre os membros partícipes da formação ideológica católica.

Dentro da perspectiva de estudo da crença no âmbito semiótico, procuramos analisar textos que julgamos por bem nomeá-los como pertencentes à experiência da palavra e dos quais nos ocupamos no presente trabalho. Para estes, temos: roteiro preparatório de confissão, oração, novena,

folheto (suporte de missa). Sob essa “rúbrica” reunimos gêneros que não contradizem a orientação enunciativa de divulgação religiosa, mas que também não se restringem a tal divulgação. São gêneros representativos da prática religiosa católica, voltada para arrebanhar mais e mais fiéis no exercício da própria fidelização. O roteiro preparatório para confissão, de cuja análise nos ocupamos no presente estudo, é um desses gêneros de fronteira entre a divulgação e a fidelização religiosa.

Propomos, assim, mediante a análise de um roteiro preparatório para confissão, estabelecer algumas considerações iniciais a respeito da estrutura aspectual e, por conseguinte, passional do crer, considerando o aspecto fiduciário envolvido nessa prática católica. Tomamos, portanto, as noções desenvolvidas em semiótica das paixões a respeito do termo simulacro, entendido aqui enquanto imaginário passional que atua aspectualizando o sujeito, ou seja, fazendo com que o sujeito queira ser de certo modo. Vemos, por conseguinte, como se constitui o projeto de configuração passional determinado pelo enunciado, de tal modo que o sujeito deva agir de acordo com determinados preceitos propostos por aquela formação ideológica determinada, no caso, os valores propugnados pelo catolicismo.

Remetemos, assim, como resultado deste estudo aos efeitos de passionalização determinados pela presença da função emotiva (afinal eu devo acreditar: ter fé). Temos como característica desse enunciado a direcionalidade tensiva orientada para a expansão espacial e desaceleração temporal. Verificamos, assim, a exposição da práxis do penitente mediante uma concepção descendente, difusa e ampla. Procuramos delinear, desse modo, o estilo do enunciado da experiência da palavra (prática católica da confissão) mediante uma direção descendente, própria à lógica implicativa. Assim, no que concerne à aspectualização no nível discursivo, temos a presença de um estado de crença durativo.

A formação discursiva, como sistema de crenças e aspirações, fundada em figuras e temas de determinado discurso, e a escolha de recursos relativos à gramática da língua refletem na incorporação de um éthos dogmático, o que permite caracterizar esse enunciado, definido segundo os parâmetros da “prática religiosa católica”, como um gênero de fronteira entre a divulgação e a fidelização religiosa, que julgamos por bem nomeá-lo como pertencente à “experiência da palavra”, voltado para arrebanhar mais e mais fiéis no exercício da própria fidelização.

Descrição e análise do verbo em Pykobjê-Gavião (Timbira)

Talita Rodrigues da Silva

Orientadora: Profa. Dra. Rosane de Sá Amado

Esse estudo está inserido em um projeto de mestrado iniciado em 2009, que busca descrever e analisar morfossintaticamente as classes de palavras da língua indígena conhecida como Pykobjê-Gavião, de modo a ampliar a pesquisa iniciada por Rosane Muñoz de SÁ (1999). O Pykobjê-Gavião é, segundo Aryon Dall’Igna RODRIGUES (1986), uma das sete línguas que fazem parte do Grupo Timbira (Tronco Linguístico Macro Jê, Família Jê). Para elaborar essa análise, partimos da consideração de Paul SCHACHTER (p. 05 apud Timothy SHOPEN, 2007), que diz que a distinção entre nomes e verbos parece ser uma das poucas evidências linguísticas aparentemente universais. Tomando como critério principal de análise o nível morfossintático, o autor (2007, p. 09) aponta categorias que seriam mais comuns à classe dos verbos das línguas naturais, que incluem: tempo, aspecto, modo, voz e polaridade. Ainda sob o nível morfossintático, Thomas E. PAYNE (1997) mostra que para determinar se dado lexema funciona como verbo ou não, é necessário observar o padrão morfossintático dos verbos prototípicos da língua em análise. Segundo a explicação de Thomas E. PAYNE (1997, p. 47), as propriedades morfossintáticas de verbos podem ser divididas em “propriedades distribucionais” e “propriedades estruturais”. As propriedades distribucionais observam como os verbos funcionam em frases, sentenças ou textos. Em Pykobjê-Gavião, os verbos podem servir como núcleo de VP e/ou núcleo de predicado. Já as propriedades funcionais têm a ver com a estrutura interna do verbo em si. Como o Pykobjê-Gavião é uma língua de tipologia mais analítica do que sintética (ordem de palavras rígida: SOV), não encontramos estruturas morfológicas associadas ao lexema verbal. Retomando Paul SCHACHTER (apud Timothy SHOPEN, 2007), observamos que os verbos do Pykobjê-Gavião dispõem de algumas categorias. Há marca de tempo/aspecto futuro (ha) e sua ordem é pós-S (Ex.: wa ha cö japrö – eu comprarei água). Quanto às marcas de modo do Pykobjê-Gavião, o subjuntivo costuma ser marcado pelo pronome independente de 3ª pessoa (quë), podendo indicar uma expressão de uso similar ao “tomara!” do PB (Ex.: quë ha to amjõ jaracwar jõwahe – que eu consiga cumprir a promessa!); há também a marca de modo que indica a interrogação (tê), esta, assim como o quë, ocupa a posição de tópico frasal (Ex.: tê jyyprÿ? – eu sou bonita?); já a marca do modo imperativo (to) costuma anteceder o verbo (Ex.: to haahy – faça-o!). O Pykobjê-Gavião também apresenta marcas de polaridade para distinguir afirmativo de negativo. Para todo tempo/aspecto, pode ser usada a dupla negação (nee... noore), em que o primeiro elemento pode aparecer em tópico (posição marcada) ou em pós-S e o segundo ocupa a posição pós-V (Ex.: wa nee cö japrö noore – eu não compro água); se o tempo/aspecto for futuro a dupla negação pode ser substituída por um morfema único (wyr), que, também, pode aparecer em tópico (posição marcada) ou em pós-S (Ex.: wyr wa ha me êhjmor ryy’te – nós não caminharemos muito). Essas são algumas das características encontradas nos verbos do Pykobjê-Gavião.

Processo de referenciação na libras: estudo de uma narrativa

Thaís Bolgueroni Barbosa

Orientadora: Profa. Dra. Evani de Carvalho Viotti

Este trabalho tem como objetivo analisar o processo de retomada de referentes na língua de sinais brasileira (libras) em uso. As línguas de sinais são línguas espaciais e o processo de referenciação é particularmente interessante na medida em que os referentes, em geral, são associados a representações mentais criadas conceitualmente no espaço de sinalização. A partir de dados de uma narrativa sinalizada, será observado como personagens são inseridos e retomados no discurso, e de que forma os recursos oferecidos pela língua trabalham, em conjunto, para a organização do espaço de sinalização.

A escolha da codificação dos referentes está condicionada tanto a aspectos da estrutura do discurso quanto a fatores cognitivos. Ainda pouco se sabe sobre em que momento do discurso determinadas formas devem ser utilizadas em detrimento de outras para a retomada de um referente. Além de sintagmas nominais e gestos de apontamento, outros recursos podem ser utilizados para a reativação de referentes, como pantomimas, que podem incluir movimentos do tronco, posição da cabeça, expressões faciais, direção do olhar e partes de sinais associados a determinadas personagens. McCleary & Viotti (2010) apontam que, no discurso sinalizado, há uma simbiose entre língua e gesto, sendo que alguns elementos gestuais podem funcionar como marcadores referenciais, contribuindo para a estruturação do espaço de sinalização. De acordo com Kendon (2004), qualquer atividade corporal visível que contribua para o conteúdo comunicativo de um enunciado deve ser considerada nos estudos linguísticos.

Grande parte da literatura desenvolvida sobre referenciação em línguas orais está baseada na linearidade da fala. Entretanto, quando se trata de línguas sinalizadas, os referentes podem estar ativados no espaço de sinalização simultaneamente. Fatores como distância referencial e persistência no discurso, apontados por Givón (1983) como determinantes da escolha anafórica, tornam-se dificilmente aplicáveis para explicar o processo de referenciação. Uma primeira questão é como medir essa distância.

A narrativa analisada foi produzida por um surdo fluente em libras. Trata-se de dado semi-espontâneo, eliciado a partir de outra narrativa. Foi gravada e está transcrita de acordo com o modelo proposto em McCleary & Viotti (2007) e McCleary, Viotti & Leite (2010). Na transcrição, todos os detalhes de sinalização são registrados, de forma a tornar mais visíveis aspectos que podem estar envolvidos no processo de referenciação. O software utilizado para a transcrição é o ELAN.

Pós-tudo pelo fazer avaliativo

Thiago Moreira Correa

Orientador: Prof. Dr. Antonio Vicente S. Pietroforte

Este trabalho faz uma análise do poema Pós-tudo de Augusto de Campos pela aplicação de um modelo proposto por C. Zilberberg em seu livro Razão e poética do sentido. A poesia concreta contribuiu pra uma mudança no cenário literário internacional a partir dos anos 50, uma vanguarda que aboliu o uso do verso e trouxe perspectivas verbivocovisuais para a apreensão poética.

Entretanto, esta obsessão poética conduziu a poesia concreta a severas críticas, com relação ao seu descaso social, a idéia de arte pela arte não foi bem aceita nos anos 60, neste período o Brasil passava por um período político turbulento, e cobrava dos poetas brasileiros uma postura mais adequada à vida social brasileira.

O poema Pós-tudo (1984) está no livro Despoesia (1994), este é o primeiro livro publicado depois da fase ortodoxa, neste livro o poeta reúne sua produção desde os anos 70 até os anos 90. A fonte das letras ganha importância, a cor, o retorno do sujeito ao verso do poema são marcas desta obra.

Usando a teoria semiótica tensiva de C. Zilberberg se chega ao modelo do fazer avaliativo, muito caro para a análise deste poema, pois tal poema se encontra em um momento literário de auto-reflexão sobre um passado poético rigoroso da obra de Augusto de Campos, sua atual situação poética e, por fim, sobre um futuro desta poesia brasileira de vanguarda.

O que se nota é um poema com uma temática metalingüística, cuja tipologia se insere na discursivização de uma poética anterior atualizada e realizada, para uma poética do presente que se bifurca em uma permanência da sua realização, mantendo o discurso da conservação, monológico, ou em uma não-conjunção, potencializada, em direção a disjunção, formando um diálogo entre estas duas fases que polemizam entre si, de caráter polifônico. (FIORIN, 1994)

Pós-tudo reflete sobre a própria produção poética de Augusto de Campos, desde a rigorosa vanguarda dos anos cinquenta até o momento atual.

Evidentemente, a análise exposta é uma escolha de leitura dentro das inúmeras possibilidades contidas neste poema, admite-se desde já uma primeira tentativa de apreensão do sentido construído neste poema, e no princípio o esboço de uma tipologia metalingüística, já que para poesia concreta tal temática é essencial, no entanto, há uma carência de trabalhos nesta área.

Ar (ritmia) cardíaca: análise de dois poemas de Leminski

Virna Teixeira

Orientador: Prof. Dr. Antonio Vicente S. Pietroforte

Paulo Leminski publicou seu último livro de poemas, “Distraídos venceremos” pela editora Brasiliense em 1987, antes da sua morte, em 1989. A linguagem metapoética, já presente na sua poesia, permeia com mais intensidade a subjetividade dos poemas. Alguns poemas refletem uma certa melancolia, uma consciência da própria fragilidade (esta temática tornaria-se mais acentuada na sua antologia póstuma, *La Vie En Close*), ainda que o poeta adote recursos como a ironia, a rima, o ritmo e um contraste com a velocidade dos versos.

O objetivo desta comunicação é o de ilustrar estas observações e relações entre o fazer poético e a experiência com a análise de dois poemas de “Distraídos venceremos”, *Parada Cardíaca* e *Além Alma (Uma Grama Após)*, onde Leminski utiliza um elemento figurativo que recorre em alguns dos seus poemas - o coração. Para tanto, estes poemas serão analisados individualmente, segundo uma descrição do plano de expressão e em seguida, do plano de conteúdo, utilizando o modelo semiótico proposto por Greimas. Outros elementos do discurso serão também comentados na análise. Posteriormente, os poemas serão analisados em conjunto.

Na biografia de Paulo Leminski, Toninho Vaz comenta que o poema “Parada Cardíaca” foi escrito após a morte do seu filho Miguel Ângelo, de 10 anos, como uma espécie de manifestação isolada daquela perda, sobre a qual o poeta se recusava a falar e a sentir. A anulação da realidade é observada neste poema, assim como a dificuldade melancólica de elaboração da perda, perda esta que implicaria um grau tão elevado de sofrimento (“sentimento”), que o poeta anula o sentir.

O poema *Além Alma (Uma Grama Após)* será analisado também dentro do contexto biográfico do autor e de sua história de uso de substância psicoativa, mais especificamente de cocaína, a qual o autor alude no poema através de seus efeitos fisiológicos e da experiência subjetiva e afetiva.

Marcus Boon questiona a tradição mais clássica que vê a literatura como um local “livre de drogas”, e a escrita como uma espécie de atividade pura da consciência ou tradição. Esta questão polêmica de drogas e literatura será abordada em paralelo.

Para Mano Caetano - Análise semiótica da canção

Wallace Ricardo Magri

Orientador: Prof. Dr. Antonio Vicente S. Pietroforte

A proposta deste trabalho é realizar a apreensão de sentido de letra de canção por meio dos métodos de análise propostos pela semiótica e análise do discurso de linha francesa, estabelecendo sondagem hipotético-dedutiva.

Para tanto, as lições de Greimas servirão de base para o desenvolvimento da análise que segue, levando em consideração também os avanços trazidos pelas noções de tensividade oferecidos por Fontanille e Zilberberg, em especial no que concerne à relação estabelecida entre a instância da enunciação e os valores organizados a partir do plano profundo de imanência do sentido.

Os modelos dos citados autores são aqui explorados indiretamente, por meio de obras de comentadores que facilitam acesso ao instrumental teórico, por vezes de difícil compreensão quando buscados na fonte original.

Assim, o trabalho aqui apresentado é diretamente inspirado nas análises realizadas por Luiz Tatit nas obras “Análise Semiótica Através das Letras” e “Semiótica à luz de Guimarães Rosa”, nas quais o autor explora novas tendências da semiótica de linha francesa, sem deixar de lado as contribuições de semioticistas e lingüísticas de primeira hora, tais como Saussure e Hjamslev.

Por se tratar de abordagem empírica, à medida que o texto eleito exigir, serão utilizados certos tópicos de semiótica que se mostrem de oportuno desenvolvimento, sem necessariamente exaurir e explorar em sua completude todas as possibilidades das linhas de pensamento adotadas, em vista das modestas pretensões da presente análise.

A transposição ortográfica do árabe padrão para o português brasileiro

Walter Tsuyoshi Sano

Orientadora: Profa. Dra. Safa AC Jubran

A transposição ortográfica — termo que abarca diferentes formas de se grafarem palavras de uma língua que se utilize de outro sistema de escrita— apresenta-se sob uma variedade de facetas. Em alguns casos, um nome próprio necessita de não mais do que uma mera adaptação ortográfica (e.g., 'Espanña' para 'Espanha') ou do uso da forma oficial (e.g., Iraque); em outros, há diferenças entre países de mesma língua (e.g., 'Bagdá' no Brasil, 'Bagdade' em Portugal) ou entre meios de comunicação de um mesmo país ou estado (e.g., 'Muammar Gaddafi' na Folha de São Paulo, 'Muamar Kadafi' n'O Estado de São Paulo).

Além disso, a transposição ortográfica não se limita à forma como um nome é apresentado ao leitor. Ela seria produto de um processo de escolhas e decisões a considerar as línguas de partida e de chegada —especialmente no tocante a fonética, fonologia e fonotática—, o leitor final e o nível de pormenorização desejado ou necessário. Por exemplo, pode-se encontrar o nome do Chefe de Estado da Líbia escrito de dezenas de formas diferentes, variando de "Muamar Kadafi" a "Mu'ammār al-Qadhafi", passando por formas como "Moammar Khadafy" e "Mohammer Q'udafi".

Com o objetivo de apresentarmos uma proposta de transposição ortográfica árabe-português adequada ao meio acadêmico brasileiro —não somente linguistas, mas também sociólogos, geógrafos, historiadores e outros—, em nosso trabalho cotejamos alguns sistemas de transposição ortográfica, com ênfase no português brasileiro como língua de chegada. Procuramos estabelecer parâmetros para orientar a escolha dos grafemas e das correspondências grafema-fonema mais adequados para transpor o árabe padrão para o português brasileiro. Devido às diferenças tanto na fonologia quanto na ortografia, devem-se tomar alguns cuidados, como distinguir a ocorrência de consoantes simples e geminadas, encontros consonantais —o que torna inadequado o uso de dígrafos— e, especialmente, os fonemas faringalizados (enfáticos), característicos das línguas semíticas.

Nossa proposta estabelece correspondências unívocas com a escrita árabe, permitindo recuperar tanto a pronúncia quanto a escrita das palavras, dos nomes e dos termos que passarem pelo processo de transposição ortográfica. Isso proporciona um meio para que, além de especialistas —os que conhecem a língua árabe—, também pesquisadores não-versados na língua árabe tenham acesso a uma representação mais precisa da língua de partida.